

Prática desportiva e resultados académicos em alunos

UAARE e de Desporto Escolar

Implicação para uma Liderança e Gestão Escolares

Relatório de projeto

André Filipe Magalhães Brogueira de Teixeira e Afra

Trabalho realizado sob a orientação de
Professor Doutor Rui Manuel Neto e Matos

Leiria, março 2025

Mestrado em Ciências da Educação – Gestão Escolar
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Ao concluir mais esta etapa da minha vida acadêmica, é o momento de agradecer a todos aqueles que me ajudaram a superar os desafios e a ter a coragem e a determinação necessárias para concluir este trabalho. Em primeiro lugar, quero expressar a minha profunda gratidão à minha esposa, Susana, pelo apoio incondicional, paciência e compreensão que me ofereceu durante todo este período. Reconheço que muitas vezes estive ausente, dedicando-me intensamente ao trabalho, mas ela esteve sempre ao meu lado, oferecendo-me força e estabilidade. Sem o seu apoio, não teria conseguido.

Aos meus filhos, expresso o meu agradecimento mais sincero por, em muitos momentos, não ter estado tão presente como gostaria, ou não ter tido a paciência necessária para brincar convosco. A minha mãe merece também um agradecimento especial, pelo apoio incondicional, pela sabedoria que me transmitiu e pela sua presença constante, que foi fundamental para que eu conseguisse finalizar este trabalho.

Gostaria ainda de deixar um agradecimento especial ao meu orientador, o Professor Doutor Rui Matos, pela orientação, colaboração e incentivo, que foram essenciais para o desenvolvimento e conclusão desta tese. O seu acompanhamento e disponibilidade ao longo deste processo foram fundamentais, assim como as valiosas orientações que me foram dadas.

A todos vocês, os meus sinceros agradecimentos por me acompanharem e apoiarem de forma tão carinhosa. Sem esse apoio, não teria sido possível concluir este trabalho.

RESUMO

Além das aulas curriculares de Educação Física, as escolas têm investido no Desporto Escolar, com um número significativo de grupos equipa/alunos a participar em diversas modalidades. Como professor de Educação Física, surgiram-me dúvidas sobre o impacto da prática regular de atividade física e do Desporto Escolar nos resultados académicos dos alunos, levando-me a questionar se essa prática influenciaria de alguma forma o desempenho académico.

A reflexão estende-se também aos alunos integrados no projeto Unidades de Apoio ao Alto Rendimento na Escola, que, para além da escola, praticam atividade física de alto nível. Questiono-me também sobre o impacto da prática desportiva no sucesso académico desses alunos.

Esta tese de mestrado explora a inter-relação entre a liderança, a gestão escolar e a prática desportiva, com um foco particular na sua influência no sucesso académico dos alunos. A investigação está estruturada em três capítulos principais, que abordam, respetivamente, os conceitos de Liderança e Gestão no contexto escolar, Desporto Escolar e as Unidades de Apoio ao Alto Rendimento na Escola, e a ligação entre a prática desportiva e os resultados académicos.

Com este trabalho, proponho-me a analisar se existem diferenças significativas nos resultados académicos dos alunos que participam no DE ou nas UAARE, em comparação com as médias globais, de ciclo e de ano, de todos os alunos.

A relação entre resultados académicos e prática desportiva é um elemento que irá ajudar o gestor escolar na direcção da sua escola e a definir as suas políticas educacionais.

Palavras chave

Desporto Escolar, Gestão Escolar, Liderança, Prática Desportiva e Unidade Apoio Alto ao Rendimento Escolar.

ABSTRACT

In addition to curricular Physical Education lessons, schools have invested in School Sport, with a significant number of team/student groups taking part in various disciplines. As a PE teacher, my doubts arose about the impact of regular physical activity and DE on students' academic results, leading me to question whether this practice had any influence on academic performance.

The reflection also extends to the students who are part of the High Performance Support Units at School project, who practise high-level physical activity outside of school. I also questioned the impact of sports practice on the academic success of these students. This master's thesis explores the interrelationship between leadership, school management and sports practice, with a particular focus on their influence on students' academic success. The research is structured in three main chapters, which address, respectively, the concepts of Leadership and Management in the school context, School Sport and the High Performance Support Units at School, and the link between sports practice and academic results.

With this work, I set out to analyse whether there are significant differences in the academic results of students who take part in School Sports or High Performance Support Units at School, compared to (the rest of) the overall cycle and year averages of all students,

The relationship between academic results and sports practice is an element that will help school managers to direct their schools and define their educational policies.

Keywords

School Sport, School Management, Leadership, Sports Practice and Performance Support Units at School.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Índice de Figuras.....	viii
Índice de Tabelas	ix
Índice de Tabelas	x
Abreviaturas	xi
Introdução.....	1
Enquadramento teórico	3
1. Liderança e gestão escolar	3
1.1. Liderança	4
1.1.1. Conceito de liderança.....	4
1.1.2. Tipos de liderança.....	6
1.1.2.1. Liderança autocrática	6
1.1.2.2. Liderança democrática	7
1.1.2.3. Liderança laissez-faire.....	7
1.1.2.4. Liderança transacional.....	7
1.1.2.5. Liderança transformacional.....	8
1.1.3. Liderança escolar	9
1.2. Gestão	12
1.2.1. Conceito de gestão	12
1.2.2. Diferenças entre gestão e liderança.....	13
1.2.3. Os desafios do líder/gestor escolar	16
1.2.4. A gestão democrática da escola	18
1.2.5. Enquadramento legislativo (gestão escolar)	19
1.2.5.1. O Decreto-Lei n.º 75/2008.....	20
1.2.5.2. O Decreto-Lei n.º 55/2018.....	22
2. Desporto Escolar e Unidades de Apoio Alto Rendimento na escola.....	24
2.1. O projeto do Desporto Escolar	25
2.1.1. A Lei n.º 46/1986 - lei de bases do sistema educativo.....	25
2.1.2. O Decreto-Lei n.º 95/1991	26
2.1.3. O regulamento geral de funcionamento do desporto escolar.....	28
2.1.4. O programa estratégico do desporto escolar.....	31
2.2. O projeto das Unidades de Apoio ao Alto Rendimento na Escola (UAARE).....	33

2.2.1. O Decreto-Lei n.º 272/2009.....	34
2.2.2. A Portaria n.º 275/2019, de 27 de agosto.....	34
3. A prática desportiva e o sucesso académico.....	38
3.1. Atividade física, desporto e prática desportiva.....	39
3.2. Importância da prática desportiva para a saúde - recomendações.....	41
3.3. Resultados da prática desportiva do Eurobarómetro 2022.....	47
3.4. Prática desportiva e o sucesso académico.....	49
4. Metodologia.....	52
5. Apresentação e discussão de resultados.....	54
5.1. Alunos do 3.º Ciclo: comparação de resultados académicos de alunos do Desporto escolar com restantes alunos.....	54
5.2. Alunos do Ensino Secundário: comparação de resultados académicos de alunos do Desporto Escolar com restantes alunos.....	60
5.3. Alunos 3.º ciclo: Comparação de resultados académicos dos alunos integrados na UAARE com restantes alunos.....	66
5.4. Alunos do Ensino Secundário: comparação dos resultados académicos dos alunos integrados na UAARE com restantes alunos.....	68
6. Limitações do estudo e dos resultados.....	72
7. Conclusões.....	74
8. Sugestões.....	79
Bibliografia.....	82
Legislação.....	90
Anexos.....	92

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Médias globais e por disciplina.	58
Figura 2 - Médias globais e por disciplina, alunos secundário, que participam no DE.	64
Figura 3 - Comparação das médias globais, Matemática, Português e Educação Física - 3.º Ciclo.....	70
Figura 4 - Comparação das médias globais, Matemática, Português e Educação Física - Ensino Secundário.	70

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Recomendações de boas práticas - OMS 2020	47
Tabela 2 – Dados Eurobarómetro sobre tempo de inatividade por dia Portugal (PT) e União Europeia (UE)	48
Tabela 3 - Média global de todas as disciplinas 3.º Ciclo.....	54
Tabela 4 - Totais quantitativos e médias das avaliações dos alunos 3.º Ciclo nas disciplinas Educação Física, Português e Matemática.....	55
Tabela 5 - Médias dos alunos que participam no DE e restantes alunos – 3.º Ciclo	56
Tabela 6 - Taxa de insucesso nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física – 3.º Ciclo.....	59
Tabela 7 - Média global de todas as disciplinas 3.º Ensino Secundário	60
Tabela 8 - Totais quantitativos e médias das avaliações dos alunos do Ensino Secundário nas disciplinas Matemática, Português e Educação Física	61
Tabela 9 - Médias global/disciplina alunos DE vs todos os alunos – E. Secundário	62
Tabela 10 – Taxa de Insucesso nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física – Ensino Secundário	65
Tabela 11 - Médias das avaliações dos alunos UAARE do 3.º Ciclo.....	66
Tabela 12 – Insucesso nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física – Alunos UAARE 3.º Ciclo.....	67
Tabela 13 - Médias dos alunos que integram o projeto UAARE	68
Tabela 14 – Taxa de Insucesso nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física – Ensino Secundário UAARE.....	69

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Competências dos líderes transformacionais, Bass (1990), Benis & Nanus (1985).....	8
Quadro 2 - Atitudes e comportamentos de liderança	11
Quadro 3 - Diferenças entre gestores e líderes (adaptado de Matos, 2011)	14
Quadro 4 - Diferenças entre Gestão e Liderança, Rost e Smith (1991)	15
Quadro 5 - Iniciativas do líder escolar (Lima e Silva, 2011).....	18
Quadro 6 - LBSE, Capítulo VII, Artigo 51.º (resumo).....	25
Quadro 7 - O Decreto de Lei nº 95/1991	27
Quadro 8 - Organização da Oferta Educativa – PEDE.....	28
Quadro 9 - RGFDE Artigo 19.º - Competências das Direções dos Clubes de Desporto Escolar.....	29
Quadro 10 - RGFDE Artigo 19.º - Competências das Direções dos Clubes de Desporto Escolar.....	30
Quadro 11 - PEDE 21-25 Valores, áreas de Competência e Eixos.....	32
Quadro 12 - Tarefas escolas UAARE Portaria 275/2019	35
Quadro 13 - Destinatários Projeto UAARE - Portaria 275/2019	36
Quadro 14 - Portaria 275/2019, Competências do Diretor	36
Quadro 15 - Impacto da atividade física em crianças e adolescentes.....	38
Quadro 16 - ENPAF 2016-2025, Visão, Missão e Objetivo Central	42
Quadro 17 - Recomendação da OMS (2020) para a atividade física e comportamento sedentário	44
Quadro 18 - Plano de Ação Global para Atividade Física 2018-2030	45
Quadro 19 - Recomendações da OMS para atividade física e comportamento sedentário 2020 - Mensagens	45
Quadro 20 - Recomendações de boas práticas - OMS 2020.....	46

ABREVIATURAS

ACSM - American College of Sports Medicine

AE/ENA – Agrupamento de Escolas /Escola Não Agrupada

AF - Atividade Física

CAA – Centro Apoio à Aprendizagem

CDE – Clube Desporto Escolar

DE – Desporto Escolar

CFDDE - Centros de Formação Desportiva do Desporto Escolar

DGS – Direção Geral de Saúde

DL - Decreto de Lei

E.F. – Educação Física

ENPAF - Estratégia Nacional para a Promoção da Atividade Física, da Saúde e do Bem-Estar.

GE – Grupo de equipa

INOVAR – Plataforma de Gestão escolar

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

MAT. – Matemática

OMS – Organização Mundial de Saúde

PAA – Plano Anual Atividades da escola

PASEO - Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

PCDE – Projeto Clube Desporto Escolar

PE – Projeto Educativo da Escola

PEDE – Programa Estratégico para o Desporto Escolar

PORT. – Português

RGFDE – Regulamento Geral Funcionamento do Desporto Escolar

UAARE – Unidades de Apoio ao Alto Rendimento na Escola

INTRODUÇÃO

O conceito de Liderança é frequentemente associado ao desenvolvimento organizacional, essencialmente de natureza administrativa, sendo que cada vez mais o caminho terá de ser a procura de modelos e procedimentos de liderança que permitam influenciar a melhoria dos resultados.

O Diretor de uma Escola enfrenta diariamente inúmeras adversidades que procura solucionar, enquanto líder de uma organização complexa, especializada e com objetivos incomensuráveis. Assim, o seu cargo torna-se complexo, na perspectiva de mudança, sendo que para tal e para uma boa gestão da escola é fundamental analisar os resultados académicos, na procura de ambientes escolares favoráveis ao sucesso académico.

A quantidade de imprevistos que uma direção de escola tem de enfrentar diariamente para liderar esta organização que é a Escola, bem como o facto de a mesma poder ser considerada como uma organização complexa, especializada, com objetivos difíceis de mensurar, tem sido, para mim, bastante desafiante.

A sociedade atual tem dado mais relevância à prática do exercício físico, traduzindo-se cada vez mais no aumento de praticantes, e a escola, para além das aulas curriculares de Educação Física (E.F.), tem dado particular atenção ao Desporto Escolar (DE) com a participação de um maior número de equipas em diferentes modalidades. Enquanto professor de E.F. dei comigo a refletir até que ponto a prática regular de atividade física (AF) está relacionada positiva ou negativamente os resultados académicos dos alunos, nomeadamente dos que participam nos diferentes grupos equipa do DE.

O mesmo se coloca em relação aos alunos integrados no projecto das Unidades de Apoio Alto Rendimento Escolar (UAARE) que, para além da escola, praticam atividade física regular com um nível de desempenho mais elevado. Será que os resultados académicos destes alunos são condicionados, positiva ou negativamente, pela prática desportiva? Propus-me, assim, desenvolver este trabalho no sentido de perceber se se verificam significativas diferenças nos resultados académicos dos alunos UAARE ou que participam no DE, comparativamente aos outros alunos.

No estudo também houve a preocupação de perceber se, ao nível do 3.º Ciclo, existiam alterações nos resultados académicos nas disciplinas de Matemática e de Português (disciplinas de exame nacional) e na Educação Física.

No trabalho procurei fazer um enquadramento teórico, em três secções:

- Liderança e Gestão Escolar, definições e enquadramento legislativo
- Desporto Escolar e Unidades de Apoio Alto Rendimento na Escola, enquadramento dos projetos
- Prática Desportiva e Sucesso Académico, explicando os benefícios da prática desportiva e a sua influência nos resultados académicos

O papel da Liderança Escolar tem sido objeto de atenção crescente, onde os líderes escolares desempenham um papel crucial na criação de ambientes escolares eficazes sempre na procura de melhores aprendizagens. Assim, com alunos motivados, o processo ensino-aprendizagem será facilitado e poderá melhorar os resultados académicos, pelo que a Liderança Escolar será um fator decisivo no funcionamento eficaz da Escola, em todas as suas decisões, na definição do currículo dos alunos e na procura de um ambiente de aprendizagem positivo.

“A coesão e a qualidade de uma escola dependem em larga medida da existência de uma liderança organizacional efetiva e reconhecida, que promova estratégias concertadas de atuação e estimule o empenhamento individual e coletivo na realização de projetos de trabalho” (Nóvoa, 1995, p.26).

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. LIDERANÇA E GESTÃO ESCOLAR

A Escola está (ainda) perante um paradigma educacional demasiado centrado no conhecimento, e necessita urgentemente de ser substituído por um novo paradigma, mais centrado no desenvolvimento de competências. De acordo com Tyler (1991), a escola é “uma organização desorganizada”, como tal um líder escolar tem de estar preparado para os inúmeros desafios que esta organização apresenta e virá ainda a apresentar.

A organização escolar apresenta problemas constantes e diversos a terem de ser resolvidos de forma sistemática, pela vasta oferta educativa, pelos diferentes currículos (formal e informal), pelos múltiplos projetos educativos com “liberdade” de escolha, pelo produto diversificado e dinâmico (alunos e aprendizagens) e ainda pelos constantes processos de melhorias das aprendizagens a médio e longo prazo.

A liderança escolar é assim crucial, tendo o potencial real de fazer a diferença, diferença essa que também é sentida quando a organização tem o nome de Escola. Esse pressuposto coloca os diretores (líderes/gestores) escolares como que num centro estratégico de desenvolvimento organizacional que deve ser coeso, eficaz e de qualidade, na procura do sucesso académico e na construção de aprendizagens para a vida.

O termo gestão que durante anos só se referia às empresas/organizações viajou rapidamente até às escolas. Para Cabral et al. (2015), no contexto escolar a gestão “pressupõe experiências que envolvem a participação, por meio de ações que possibilitam o envolvimento das pessoas na escola e no direcionamento e tomada de decisões sobre os rumos da instituição” (p.143).

Assim, neste primeiro capítulo, irei abordar a definição de liderança, as suas diferentes tipologias na articulação com a administração e gestão escolar e a forma como estes dois conceitos e atos se podem interligar na organização escolar.

1.1 LIDERANÇA

Segundo Silva (2010), um verdadeiro líder é aquele que demonstra versatilidade na sua ação, adaptando-se às mudanças verificadas no comportamento dos elementos constituintes do grupo em função das alterações do ambiente e do contexto, sem nunca perder a confiança nos diferentes modelos de relação e liderança.

A liderança é um ato muito importante, sendo que o seu conceito, ao longo dos anos, tem vindo a ser discutido/estudado e que merece ser cada vez mais analisado de forma concreta no que concerne à administração e gestão escolar. O ato de gerir uma escola é cada vez mais crucial.

1.1.1. CONCEITO DE LIDERANÇA

A definição de liderança tem evoluído ao longo dos tempos e de uma forma variada, refletindo também as mudanças ocorridas na sociedade e nas organizações. Esta permanente evolução tem suscitado interesse de vários investigadores nas últimas décadas.

De acordo com Carvalho e Monteiro (2017), o conceito de liderança não é consensual e tem sofrido diversas transformações desde os finais do séc. XX até aos nossos dias, tendo nos últimos anos, décadas, sido alvo de vários estudos de investigação, nomeadamente por especialistas do comportamento organizacional.

De acordo com Rauch e Behling (1984), a liderança pode ser vista como o processo ou um ato de influenciar as atividades de um grupo organizado nos seus esforços para se atingir determinados objetivos. Para Bolívar (1997), a “liderança embora seja uma forma especial de influência relacionada com a indução de outros a mudar voluntariamente suas preferências com base em tarefas ou projetos comuns” (p.42).

Yukl (1998), citado por Pereira (2004), define liderança como,

Um processo através do qual um membro de um grupo ou organização influencia a interpretação dos eventos pelos restantes membros, a escolha dos objetivos e estratégias, a organização das atividades de trabalho, a motivação das pessoas para alcançar os objetivos, a manutenção das relações de cooperação, o

desenvolvimento das competências e confiança pelos membros, e a obtenção de apoio e cooperação de pessoas exteriores ao grupo ou organização (p.6).

De acordo com Robbins (2002), os líderes emergem de forma natural no seio de um grupo. A liderança que é obtida desta forma gera um comprometimento natural, sem qualquer imposição. Por conseguinte, "a liderança pode ser definida como a capacidade de influenciar um grupo no sentido de alcançar objetivos" (Robbins, 2002, p. 12).

Chiavenato (2004) aborda também o conceito, definindo liderança como um processo de exercer influência sobre pessoas ou grupos para a realização de objetivos em determinada situação, afirmando que "A liderança é necessária em todos os tipos de organização humana, seja nas empresas, seja em cada um de seus departamentos" (p.122). O mesmo autor afirma que este conceito é "a influência interpessoal exercida em uma situação e dirigida por meio do processo da comunicação humana para a consecução de um determinado objetivo" (p.144).

Adair e Reed (2006) transmitem a ideia que liderança é como conseguir dirigir, inspirar e construir algo, tendo em conta o exemplo do seu líder e que se transmite pelas palavras. No mesmo sentido, Carvalho e Monteiro (2017) referem que "A liderança consiste, assim, num fenómeno de influência interpessoal empregue numa situação através do processo de comunicação humana com vista ao prosseguimento de objetivos definidos" (p.33). Sensivelmente na mesma data, Hunter (2006) conclui que "Liderança é a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir objetivos comuns, inspirando confiança por meio da força do carácter" (p.18).

Silva (2008) refere que a liderança é fundamental para o funcionamento de qualquer organização, sendo que esta é composta por indivíduos que seguem os mesmos objetivos, mas com interesses pessoais bem diferentes. Para este autor, "nas sociedades mais evoluídas a função do líder é simbolizar as normas que mantém unidos os seus seguidores e dar continuidade ao grupo e não existem dúvidas acerca da existência de lideranças personalizadas assumidas por indivíduos concretos que são objeto de admiração" (p.119).

A palavra liderança, de acordo com Honorato (2018), é complexa e condicionada a diversos fatores, sendo que para o autor a mesma surge no final do século XIX, podendo ser aplicada não só nas vertentes militar e empresarial, mas também em meio escolar.

1.1.2. TIPOS DE LIDERANÇA

A liderança é uma capacidade e um ato cada vez mais determinante em qualquer organização, tendo um papel crucial em diversos contextos das organizações e que são diferentes de líder para líder. O tipo de liderança pode assim variar de acordo com a sua conceção necessitando de existir uma capacidade de se adaptar às diferentes situações e ou contextos.

A diversidade de estilos de liderança oferece aos líderes uma maior flexibilidade, permitindo-lhes escolher a abordagem mais adequada consoante o contexto organizacional ou procedimento a adotar. Ao longo dos tempos vários foram os autores que se dedicaram ao tema liderança, tendo sido identificados diversos tipos de liderança, abordados de forma diferenciada.

1.1.2.1. LIDERANÇA AUTOCRÁTICA

Conforme descrito por Lewin et al. (1939), a liderança autocrática é caracterizada por um estilo em que o líder assume o controlo absoluto sobre o grupo, excluindo a participação na tomada de decisões. O líder estabelece as diretrizes, os métodos e a distribuição das tarefas de maneira unilateral.

Conforme Ferreira et al. (2021), "na liderança autocrática, o líder centraliza as decisões e impõe as suas ordens ao grupo, pelo que o trabalho só progride com a sua presença física" (p. 32). As características de um líder autocrático incluem, a frustração, a tensão e a agressividade, bem como uma reduzida capacidade de iniciativa e espontaneidade.

Conforme exposto por Martins (2021), a liderança autocrática é caracterizada pelo controlo absoluto do líder, sem qualquer envolvimento do grupo. O líder estabelece as diretrizes, define os métodos e distribui as tarefas de maneira unilateral, adotando uma postura autoritária.

1.1.2.2. LIDERANÇA DEMOCRÁTICA

Neste tipo de liderança e de acordo com Lewin et al. (1939), o foco está no líder e restantes elementos da gestão. Neste caso, há espaço para debate e decisões sobre as diretrizes adotadas pelo grupo, existe divisão de tarefas, o líder procura colocar-se ao nível do resto do grupo e dá espaço ao seu trabalho em busca de críticas e elogios. Já para Silva (2008), neste tipo de liderança, o que mais incidia na eficácia do grupo era o facto de o líder querer fomentar a participação dos membros na tomada de decisões.

Martins (2021) refere que na liderança democrática, as diretrizes são debatidas e decididas pelo grupo, com estímulo e apoio do líder. O próprio grupo define métodos e técnicas para atingir os objetivos, podendo contar com o aconselhamento do líder.

1.1.2.3. LIDERANÇA LAISSEZ-FAIRE

De acordo com os estudos de Lück (2008) e Chiavenato (1999), citados por Spaniol (2010), nesta liderança existe a ausência de liderança ou seja “o líder não exhibe comportamentos típicos de liderança, evitando tomar decisões e abdicando da sua responsabilidade e autoridade” (p. 46). Para Fraga (2018), nesta situação, “o líder evita tomar uma posição, decisões e abdica da sua autoridade, o que leva à ineficácia dos resultados, levando assim a um maior número de divisão de tarefas, com a escolha a ser feita pelos colaboradores” (p. 40).

1.1.2.4. LIDERANÇA TRANSACIONAL

Para Burns (1978), citado por Ferreira et al. (2021), “a liderança transacional envolve líderes extremamente eficientes em dar às pessoas algo em troca do seu apoio ou trabalho, fazendo com que seus seguidores sejam valorizados, apreciados e recompensados” (p.34). Este tipo de liderança preconiza que os líderes utilizem diversas abordagens que “assentam na recompensa, na punição e no interesse próprio”, associado ao reconhecimento dos desempenhos alcançados (Nye, 2009, p.89).

Hees e Pimentel (2021) nos seus estudos transmitem a ideia que Kuhnert (1994) tem para liderança transacional, como uma forma de recompensas, onde o líder oferece recompensas individuais pela dedicação, aos objetivos definidos para o grupo. No

mesmo sentido, Northouse (2010) também caracteriza este estilo de liderança pelas relações de troca.

1.2.2.5. LIDERANÇA TRANSFORMACIONAL

O conceito de liderança transformacional ao longo dos anos foi sendo estudado e já Burns (1978), referido por Hees e Pimentel (2021), define liderança transformacional como que um envolvimento entre o grupo de tal maneira que se elevam a altos níveis de motivação e de moralidade (p.47814).

Fullan (2003) refere que neste tipo de liderança o foco está no futuro, através de uma visão global, integrada nos problemas e que conceptualiza a ação da liderança, para além do imediato. As relações da escola com a comunidade, para o mesmo autor, influenciam e interagem para além da sua área de intervenção, havendo uma visão estratégica de futuro e de transformação. Assim, neste tipo de liderança, os líderes pensam e atuam sempre em termos de renovação e de transformação.

De acordo com Dumdum et al. (2013), numa “liderança transformacional os liderados focam-se em alcançar objetivos que suplantam as exigências do grupo em que se enquadram ao nível do trabalho que desenvolvem” (p.38). Bass (1990), Bennis e Nanus (1985) referem que os líderes transformacionais utilizam e aperfeiçoam um conjunto de quatro competências, apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Competências dos líderes transformacionais, Bass (1990), Benis e Nanus (1985)

- Capacidade de formular e partilhar uma visão, um plano ou um conjunto de prioridades...
- Capacidade de transmitir a forma de realização da visão
- Capacidade de apresentar uma auto-estima positiva e esforçam-se por estimular o desenvolvimento das suas capacidades bem como as dos outros de forma a ser possível alcançar-se o sucesso
- Capacidade de construção de um ambiente de confiança assente na justiça e na coerência em que a sua persistência ultrapassa as barreiras e os problemas

Inocência, 2013 refere que, neste tipo de liderança o foco está orientado para o futuro, havendo uma visão global e integrada dos problemas, que conceptualiza a ação da liderança para além do imediato, estando o foco nos valores e motivações entre atores e parceiro, logo nesta perspectiva de liderança está consubstanciado num processo de transformação, na procura da satisfação e valorização individual (Northouse, 2010).

Em suma, na liderança autocrática o foco está no líder sendo as decisões exclusivas dele próprio enquanto na liderança democrática existe “espaço” e tempo para o debate, sendo as decisões tomadas em grupo. Na liderança *laissez-faire* predomina a ausência do líder e as decisões são tomadas pelo grupo, ocorre total liberdade na tomada de decisão em grupo, com participação mínima do líder. Por seu lado, a liderança transaccional está focada em recompensar as pessoas pelo seu apoio ao líder, enquanto a liderança transformacional está mais direccionada para o futuro, através de uma visão global, para além do imediato, requerendo líderes visionários e conduzindo a mudanças.

Face ao exposto, não se pode afirmar que exista um tipo de liderança ideal, uma vez que a eficácia da liderança de um diretor escolar irá depender de diversos fatores, contexto, da cultura escolar, bem como da composição das diferentes equipas de gestão da escola. Assim, alguns destes estilos podem ser eficazes na gestão escolar de umas escolas e não resultar noutras, sendo que o sucesso do diretor irá estar dependente na habilidade de adaptar a sua liderança às necessidades específicas da escola e em cada momento.

1.1.3. LIDERANÇA ESCOLAR

A organização escolar apresenta características específicas, e como tal necessitará de uma liderança (escolar) que permita ir ao encontro da melhoria do processo ensino aprendizagem, sendo que o tema liderança escolar, apesar de já contar com vários estudos é um fenómeno relativamente recente.

Lima (1998) refere que “a escola como uma organização implica, do ponto de vista metodológico, uma ruptura com várias representações. No entanto a imagem escola como organização é, porventura, uma das imagens menos difundidas”. (p.47). Carvalho (2012) refere que “a organização escolar é um espaço propício ao aparecimento e

confluência de múltiplas lideranças com impacto diferenciado no sentido da qualidade e da eficácia das mesmas" (p. 206).

Os investigadores Opdenakker e Damme (2007), citados por Silva (2008), analisaram as práticas escolares e os resultados de aprendizagem dos alunos, revelando que as escolas podem afetar os resultados da aprendizagem dos seus alunos independentemente da composição social destes e do contexto, em função das práticas escolares” (p.98-99).

Segundo Bolívar, 1997, a Liderança Escolar “é multidimensional, devendo tomar-se como ponto de partida, como organização num contexto de mudança e ser congruente com as formas de pensar o ensino e com as diferentes conceções de profissionalidade docente e das práticas educativas” (p.26).

Elmore (2008), refere que “a liderança escolar é a prática da melhoria, e os líderes escolares bem-sucedidos são aqueles que conseguem melhorar a qualidade da prática pedagógica” (p.10).

Apesar do termo liderança estar muitas vezes associado ao desenvolvimento organizacional, de cunho essencialmente administrativo, hoje em dia a investigação vai no sentido de procurar os modelos e práticas de liderança que permitam influenciar a melhoria dos resultados.

Lück, em 2011, e citado por Honorato (2018, p. 31) afirma que “a Liderança na escola é uma característica importante e inerente à gestão escolar, por intermédio da qual o diretor orienta, mobiliza e coordena o trabalho da comunidade escolar, no seu sentido amplo (interna e externa), para melhoria contínua do ensino e da aprendizagem.”

De acordo Lück (2009) para ser líder “a pessoa não é ou tem certa característica e sim em seu desempenho as mesmas são expressas em certa intensidade, segundo sua competência em fazê-lo. O diretor escolar que procure aprimorar seu desempenho de liderança, por certo cuidará para empregá-las em seu trabalho no dia-a-dia” (p.77). No Quadro 2, são apresentadas algumas atitudes descritas pelo mesmo autor, que foram identificadas em pessoas que manifestam comportamentos de liderança.

**Quadro 2 - Atitudes e comportamentos de liderança
(adaptado de Lück, 2009)**

Aceitação de desafios	Gosto pelo trabalho
Autoconfiança	Iniciativa
Autocontrolo	Inteligência emocional
Autodeterminação	Inteligência Social
Comprometimento	Motivação
Dedicação	Ousadia
Empatia	Perseverança
Entusiasmo	Persistência
Espírito de equipa	Proatividade
Expectativas Elevadas	Resiliência

Leithwood (2004), baseando-se em 125 estudos, citado por Delgado (2004), apresenta de uma forma simplificada 3 categorias para a prática da liderança escolar:

- Definir a missão da escola inclui formular os objetivos da escola e modificá-los;
- Gerir o programa educativo inclui supervisionar e avaliar o ensino, coordenar o currículo e controlar o progresso do aluno;
- Promover um clima positivo de estudo significa respeitar o tempo de estudo, promover o desenvolvimento profissional, manter uma grande amplitude de perspectivas, proporcionar incentivos aos professores e estímulos para a aprendizagem (p. 208).

Conforme referido por Bush e Glover (2003), a visão assume um papel crucial na liderança, constituindo um elemento fundamental para a compreensão da liderança escolar. Segundo os mesmos autores, os líderes de sucesso desenvolvem uma visão global para as escolas sob a sua direção, alinhando-a com os seus valores pessoais e profissionais.

1.2. GESTÃO

1.2.1. CONCEITO DE GESTÃO

Ao olharmos para os conceitos de liderança e gestão escolar, um primeiro impacto pode levar-nos a encontrar semelhanças nos seus conceitos, que se poderão sobrepor, em partes. Scurati em 1978, citado por Inocêncio (2013, p.161), referiu que:

A diferença substancial entre a figura do administrador e do líder consiste no facto de que, enquanto o primeiro pretende assegurar o funcionamento regular da organização mediante o emprego dos meios previstos e consentidos (garante a correta execução), o segundo aspira, por sua vez, a planear e a encontrar novas metas e novos meios, conjuntamente com os outros da organização (garante a inovação).

O significado de gestão escolar, de acordo com Lück (2009), consiste no “processo de mobilização e orientação do trabalho e esforço coletivo presentes na escola, em associação com a organização de recursos e processos para que a instituição desempenhe de forma efetiva o seu papel social e realize os objetivos educacionais de formação dos alunos e promoção de aprendizagem” (p.24).

Para Agostini (2010), o gestor escolar é muito mais do que um mero administrador, é um agente articulador que assume, perante a comunidade, o compromisso de oferecer um serviço de qualidade, com habilidade para lidar tanto com o administrativo-político quanto o pedagógico. E, nesse ponto, deve-se atentar para que um não se sobreponha ao outro “ (p. 14).

Honorato (2018), refere que “o gestor escolar/diretor da escola reveste-se de toda a responsabilidade na gestão da organização-escola. Para o autor, o diretor, numa sociedade que passa a exigir a educação com qualidade para todos, tem vindo a assumir papéis que vão além da mera administração centralizadora e técnica” (p.24).

... a gestão escolar é um enfoque de atuação, um meio e não um fim em si mesmo. O fim último da gestão é a aprendizagem efetiva e significativa dos alunos, de modo que, no cotidiano que vivenciam na escola desenvolvam as competências que sociedade demanda, dentre as quais se evidenciam pensar criativamente; analisar informações e proposições diversas, de forma contextualizada; expressar ideias com clareza, oralmente e por escrito; empregar a aritmética e a estatística para resolver problemas; ser capaz de tomar decisões fundamentadas e resolver conflitos (Lück, 2009, p. 25).

1.2.2. DIFERENÇAS ENTRE GESTÃO E LIDERANÇA

Face ao exposto percebe-se que gestão e liderança são conceitos interdependentes, surgindo da sobreposição de significados e funções que têm sido estudados por diversos autores. Yukl (1989), citado por Costa e Castanheira (2015), refere que “a diferença essencial entre liderança e gestão prende-se com o facto de os líderes influenciarem o compromisso para com a organização enquanto os gestores agem de acordo com as responsabilidades decorrentes da sua posição exercendo autoridade sobre os subordinados” (p.28).

Silva (2007) transmite a ideia que tem Southworth (1998), sobre a diferença entre gestão e liderança, a saber: “A liderança distingue-se de gestão pois esta última, genericamente, refere-se ao assegurar a vivência diária de uma escola, dentro de níveis razoáveis de ordem, estabilidade e funcionalidade”. Para o autor, gestão é como “fazer com que a escola caminhe”, enquanto a liderança é fazer com que a escola caminhe “para algum lado”, com um sentido e orientação” (p.7).

Apoiado nos estudos de Kotter et al. (1992), Rego (1998) apresenta as diferenças entre gestão e liderança:

...a liderança e a gestão são dois distintos e complexos sistemas de ação. Cada um deles tem as suas próprias funções e atividades características. As duas são

necessárias para o sucesso num ambiente económico crescentemente complexo e volátil... Sem uma boa gestão, as empresas complexas tendem a tornar-se caóticas de tal modo que a sua existência pode ficar ameaçada. A liderança, pelo contrário, respeita a forma de lidar com a mudança (p.31).

Bento (2008) refere que “A liderança e a gestão são dois processos ou funções distintas. A liderança é mais emocional, inovadora, criativa, inspiradora, visionária, relacional, pessoal, original, proativa e assente em valores. A gestão é mais “fria”, calculista, eficiente, procedimental, imitadora e reativa” (p.37).

Segundo Rost e Smith (1992), citado por Matos (2011), “a liderança é uma influência de relacionamento, ao passo que a gestão é um relacionamento de autoridade. A liderança é levada a cabo com líderes e seguidores, enquanto a gestão é executada com gestores e colaboradores” (p. 9). De acordo com Matos (2011) existem diferenças entre gestores e líderes, que constam no Quadro 3.

Quadro 3 - Diferenças entre gestores e líderes (adaptado de Matos, 2011)

Gestor	Líder
<ul style="list-style-type: none"> • Administra • Mantém • Dá prioridade a sistemas e estruturas • Depende de controlo • Visão a curto prazo • Imita • Aceita o “Status Quo” 	<ul style="list-style-type: none"> • Inova • Desenvolve • Dá prioridade a pessoas • Inspira confiança • Perspetiva o futuro • Inventa • Aceita o desafio

Rost e Smith (1991) afirmam que "a liderança e a gestão apresentam, igualmente, uma natureza divergente, embora ambas sejam necessárias para a sobrevivência e a prosperidade das organizações" (citado Rego, 1998, p. 143).

Os mesmos autores identificam ainda algumas diferenças entre gestão e liderança, apresentadas no Quadro 4.

Quadro 4 - Diferenças entre Gestão e Liderança, Rost e Smith (1991)

Gestão	Liderança
<ul style="list-style-type: none">– É um relacionamento de autoridade.– É levada a cabo com gestores e subordinados.– Envolve a coordenação de pessoas e recursos para a produção e venda de bens e/ou serviços– Requer coordenação de atividades para produzir e vender bens e/ou serviços	<ul style="list-style-type: none">– É uma influência de relacionamento– É levada a cabo com líderes e seguidores – Envolve líderes e seguidores que procuram mudanças reais na organização. – Requer que as mudanças procuradas reflitam os propósitos mútuos de líderes e seguidores.

Nota. Adaptado de Rego, 1998, p. 31

Costa e Castanheira (2015) abordam também a temática de organização escolar e reconhecem à escola “alguma especificidade organizacional que a diferencia de outras organizações, também é verdade que a escola depende frequentemente de modelos de análise organizacional e de orientações normativas importados de outros contextos, designadamente do empresarial” (p. 25).

Segundo Amorim (2017), na gestão escolar é evidenciada a importância da gestão escolar

... para atuar de maneira dinâmica no processo gestor das instituições de ensino e incorporar uma visão contemporânea de escola, com novas metodologias e novos conhecimentos que contribuam para a melhoria qualitativa da vida pedagógica e social, para a formação de uma educação escolar que considere a relevância que tem os saberes dos alunos e dos professores, os saberes populares e os saberes científicos (p. 76).

Bonez (2019) refere que o foco da gestão escolar é a relação que é desenvolvida dentro dos limites da escola e da comunidade, e que “É preciso criar e manter um ambiente propício à participação de todos, que busque ações especiais de mudanças e que

estimule a participação. O diretor enquanto gestor, é responsável por estas articulações.” (p.6).

Ainda de acordo com Bonez (2019), ao gestor escolar é incumbido o dever da gestão e de organização da escola, uma vez que:

Fazer a gestão escolar implica organizar o ambiente para que os objetivos comuns à comunidade escolar que representam, sejam atingidos. Para isso, faz-se necessário, uma efetiva gestão escolar, com objetivos claros e ações concretas. Não basta ser conhecedor das teorias de gestão é necessário colocar em prática. É preciso estar atento a tudo que está ao seu redor e saber aonde quer chegar (p. 3).

De uma forma sucinta, embora a liderança e gestão tenham características distintas, ambos desempenham papéis importantes no contexto organizacional já que por um lado existem os líderes mais emocionais e inspiradores (suscitam mudança), por outro os gestores são mais focados em processos e eficiência, isto é, resultados a curto prazo. A gestão ocupa-se assim da manutenção eficiente e eficaz do funcionamento corrente de uma organização. Embora a gestão apresente frequentemente traços das características da liderança, no conjunto da função ocupa-se mais da manutenção do que da mudança. Assim, e na linha de pensamento de Bento (2008), para que as organizações tenham sucesso é essencial haver uma combinação de gestão e liderança forte, sendo que a mesma pessoa poderá assumir os dois papéis.

1.2.3. OS DESAFIOS DO LÍDER/GESTOR ESCOLAR

A Escola de hoje, com todas as condicionantes e imprevisibilidades, só conseguirá sobreviver e crescer através da envolvimento e da participação de todos os seus atores, onde o líder terá que potencializar e “humanizar” a sua organização. Para Dolan e García (2006) “Uma pessoa que apenas queira saber qual botão premir quando uma certa luz acende não está a tolerar qualquer ambiguidade ou complexidade. O mais provável é que continue a premir o mesmo botão como resposta a essa mesma luz. Tais pessoas são de facto autómatos” (p. 12).

Alaíz e Lagarto (2003) destacam que, “As escolas foram desafiadas a caminhar por caminhos não conhecidos. Os professores foram desafiados a assumir formas diferentes de estar no seu contexto de ensino. Os alunos foram colocados em situações novas, e os pais não ficaram de fora deste movimento” (p. 43). De acordo com Alves et al. (2019) “A Escola tem de responder às exigências destes tempos de imprevisibilidade e de mudanças” (p.342) e como tal será essencial proporcionar aos alunos ambientes de aprendizagem favoráveis, não só à aquisição das aprendizagens como também das competências a adquirir.

Agostini (2010) refere que a função do gestor escolar não se resume só ao ato de administrar, pressupõe uma série de funções (administrativas, pedagógicas e de supervisão). Assim “a direção deve participar de todos os assuntos escolares, descentralizando o poder e dividindo as tarefas com toda comunidade escolar” (p.15), e “participar de todos os assuntos escolares, descentralizando o poder e dividindo as tarefas com toda comunidade escolar” (p.15).

Face ao exposto, e de acordo com Bolívar, 2003 (citado por Bernardes 2008), facilmente se percebe que os desafios de um líder escolar são inúmeros, logo a liderança das escolas tem um conjunto de tarefas variadas, que a sua eficácia exige a manutenção e equilíbrio entre si, a saber:

- Compreender a cultura da escola;
- Valorizar/avaliar os seus professores (promovendo o seu desenvolvimento profissional);
- Ampliar e definir os aspectos a valorizar/avaliar;
- Promover a colaboração;
- Estabelecer ligações com o meio envolvente mais alargado;
- Dar oportunidades e não ordens;
- Utilizar os meios burocráticos para facilitar e não para limitar (p. 60).

Na mesma linha de pensamento, Leithwood et al. (2006), citados por Lima e Silva (2011), consideram que existe um conjunto de práticas nos quais assentam a chave de sucesso de um líder, sendo elas: - “construção de uma visão e definição de um rumo a seguir por todos os actores escolares”; - “compreensão e desenvolvimento das pessoas”;

- “concepção da organização e redesenho de funções e responsabilidades, e “gestão do processo de ensino/aprendizagem” (p. 118).

Agostini (2010), caracteriza o gestor como o responsável pela sua organização e bom funcionamento, que precisa estar preparado e consciente da sua importância no processo político pedagógico, assim como para apoiar e incentivar os outros actores, para que todos possam estar motivados e próximos do sucesso.

Para Lima e Silva (2011), para uma correta gestão do processo de ensino/aprendizagem, o líder escolar deve assegurar diversas iniciativas, tentando evitar qualquer distração e canalizando a energia das pessoas para o trabalho, como exposto no Quadro 5.

Quadro 5 - Iniciativas do líder escolar (Lima e Silva, 2011)

Coordenação de iniciativas do líder escolar
<ul style="list-style-type: none">• Recrutamento dos colaboradores• Prestação de apoio educativo• Acompanhamento das atividades escolares• Monitorização das atividades escolares

As escolas precisam de uma liderança que faça com que as pessoas acreditem na escola enquanto sistema ideológico e dêem significado ao trabalho que realizam (Bento, 2008). O principal desafio de um líder escolar terá de ser o da mudança de paradigma que implica uma grande transformação na forma de pensar, planear, agir e interagir. Os líderes escolares devem incluir todos os atores na missão global da escola, mantendo motivados para os desafios diários, todos os que dela fazem parte. Um diretor comprometido com este novo paradigma conseguirá criar à sua volta um ambiente favorável à mudança que promova a inovação curricular e pedagógica.

1.2.4. A GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA

Lück (2009) refere que as instituições onde os diretores conseguem reunir diversas áreas de atuação (Gestão administrativa, Gestão pedagógica, Gestão financeira, Gestão da infra-estrutura, Gestão da comunidade, Gestão de relações pessoais, Gestão dos

resultados escolares e Gestão do relacionamento com a rede) apresentam um melhor desempenho.

Como tal e para Santos (2021) “A junção de tais áreas de atuação somente se dará através de uma gestão democrática com liderança proativa que se faz através do diálogo entre os colaboradores” (p.5).

Diretores escolares pró-ativos estimulam o pensamento inovador, e conseqüentemente a quebra de paradigmas, antecipando-se aos resultados de processos que denotam reação, reconhecendo atitudes proativas de colaboradores como fruto da competência da liderança exercida por ele, mantendo a faísca da inspiração sempre acesa através de estímulos e reconhecimentos (Santos, 2021, p.3).

Lück (2009) transmite a ideia de que a gestão democrática e o processo da liderança nesta gestão faz refletir que o diretor (gestor) pode ser um líder democrático capaz de trabalhar, cooperar e sugerir. Para além disso deve incentivar a autonomia e a participação ativa, criando ambientes cooperativos e motivadores,

Uma das conclusões dos estudos de Santos (2021), é que num processo de gestão escolar, o trabalho fica menos complexo quando existe pro-atividade do diretor. Pró-atividade essa que contamina todos os colaboradores e onde a equidade é um farol do sucesso, no processo ensino-aprendizagem.

1.2.5. ENQUADRAMENTO LEGISLATIVO (GESTÃO ESCOLAR)

O Estado Português assume um papel predominantemente regulador, concretizado através de orientações, normas e ações. Ao longo de vários anos têm sido feitas diversas reformas no sistema educativo no sentido de uma maior descentralização.

Neste contexto as sucessivas reformas e medidas implementadas têm repercussões significativas em toda a organização da Escola, na estrutura de administração e gestão, bem como nas relações profissionais. Assim sendo, neste capítulo, inicio com uma breve contextualização histórica/legislativa passando posteriormente a uma maior pormenorização da legislação atual, que se relaciona com a problemática do presente estudo.

Em Portugal, a partir do final dos anos sessenta, assiste-se a várias reformas nas políticas educativas, mas foi após a Revolução de Abril de 1974, que surgem alterações mais profundas na área da educação, sendo aprovada a Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, designada como a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE).

Através da publicação da LBSE, determina-se um modelo de gestão e administração diferente, com uma maior participação democrática de todos os membros da comunidade educativa.

A aprovação do regime jurídico de autonomia das escolas do ensino básico e secundário surge três anos mais tarde através do Decreto-Lei n.º 43/89, de 3 de fevereiro, que estabelece o regime jurídico da autonomia das escolas. Surge então a necessidade de se adequar a estrutura administrativa das escolas, que se concretiza com a publicação do Decreto-Lei n.º 172/91, de 10 de maio, e que define o regime da direção, administração e gestão dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.

Uns anos mais tarde, é aprovado o Decreto-Lei n.º 115- A/98 de 4 de maio de 1998, que modifica o modelo de gestão e administração das escolas, introduzindo alterações, nomeadamente ao nível da liderança da escola e da sua autonomia (revogado 10 anos depois pelo Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de abril).

1.2.5.1. O DECRETO-LEI N.º75/2008

Através do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, alterado pelos DL N.º 224/2009 de 11 de setembro e 137/2012 de 2 de julho, as “Escolas” passaram a ver a sua autonomia reforçada, uma vez que este normativo consagrou as regras para a autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário.

As escolas são estabelecimentos aos quais está confiada uma missão de serviço público, que consiste em dotar todos e cada um dos cidadãos das competências e conhecimentos que lhes permitam explorar plenamente as suas capacidades, integrar-se ativamente na sociedade e dar um contributo para a vida económica, social e cultural do país. É para responder a essa missão em condições de qualidade e equidade, da forma mais eficaz e

eficiente possível, que deve organizar-se a governação das escolas (DL N.º 75/2008, p.2341).

Este normativo, ainda no seu preâmbulo, identifica ainda que os objetivos do governo, eram:

- ...necessidade de revisão do regime jurídico da autonomia, administração e gestão das escolas ... do reforço da participação das famílias e comunidades ... e no favorecimento da constituição de lideranças fortes.
- ...reforçar as lideranças das escolas, o que constitui reconhecidamente uma das mais necessárias medidas de reorganização do regime de administração escolar..., criar condições para que se afirmem boas lideranças e lideranças eficazes, para que em cada escola exista um rosto,... poderão assim ser assacadas as responsabilidades pela prestação do serviço público de educação e pela gestão dos recursos públicos postos à sua disposição.
- ...o reforço da autonomia das escolas.

No seu objeto, artigo 1.º, refere que: “O presente Decreto-Lei aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário”, procurando “reforçar a liderança das escolas, o que constitui reconhecidamente uma das medidas de reorganização do regime de administração escolar” (DL N.º 75/2008, p.2343).

Neste normativo, subsecção II, também estão definidas (entre outras) as competências, direitos e deveres do diretor e identifica claramente os órgãos de administração e de gestão das Escolas, a sua constituição e funcionamento, sendo eles: - O conselho geral; - O diretor; - O conselho pedagógico; - O conselho administrativo.

O artigo 18.º identifica o diretor como “o órgão de administração e gestão do agrupamento de escolas ou escolas não agrupadas nas áreas pedagógicas, cultural,

administrativa, financeira e patrimonial” (p.2346), definindo em artigos seguintes as suas competências e recrutamento.

1.2.5.2. O DECRETO-LEI N.º 55/2018

Após a criação da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), houve a necessidade de garantir a aprendizagem e o sucesso educativo de todos os que integram o sistema educativo. O Decreto-Lei 55/2018, de 6 de julho, de acordo com “o programa do XXI Governo Constitucional assume como prioridade a concretização de uma política educativa centrada nas pessoas que garanta a igualdade de acesso à escola pública, promovendo o sucesso educativo e, por essa via, a igualdade de oportunidades” (p.2928).

No seu preâmbulo é identificado como “fundamental que o currículo seja equacionado como um instrumento que as escolas podem gerir e desenvolver localmente”, sendo lançado o desafio às escolas, dando-lhes autonomia para que em diálogo com os alunos, famílias e comunidade escolar possam dispor de maior flexibilidade na gestão curricular, com vista à dinamização de trabalho interdisciplinar.

No seu artigo 12.º vem especificada a Autonomia e flexibilidade curricular onde as escolas podem gerir até 25 %: - a) Do total da carga horária por ano de escolaridade, no caso das matrizes com organização semanal; - b) Do total da carga horária das componentes sociocultural e científica previstas para o ciclo de formação, no caso das matrizes com organização por ciclo de formação.

O mesmo artigo no seu ponto 2 refere que “a autonomia curricular concedida às escolas, num intervalo de variação entre 0 % e 25 %, é localmente construída por iniciativa de cada escola”. Por fim, o seu ponto 3.º, está determinado que “pode ser conferida às escolas uma gestão superior a 25 % das matrizes curriculares-base, com vista ao desenvolvimento de planos de inovação curricular, pedagógica ou de outros domínios, como sejam percursos curriculares alternativos, cursos de dupla certificação, nos termos a regulamentar por portaria do membro do Governo responsável pela área da educação”.

Dentro das finalidades elencadas no Decreto-Lei 55/2018 (artigo 6.º), destaco algumas que estão relacionadas com a temática em questão e que são as alíneas d), e), f) e h):

- d) Assunção dos projetos e atividades desenvolvidos na comunidade escolar como parte integrante do currículo;
- e) Possibilidade de adoção, pelos alunos do ensino secundário, de um percurso formativo próprio, através da construção de um plano de estudos alinhado com os seus interesses;
- f) Enriquecimento do currículo com a dinamização da componente de Oferta Complementar, através da criação de novas disciplinas no ensino básico;
- h) Acesso a diversos domínios da educação artística; A oferta de Atividades de Enriquecimento Curricular no ensino básico, com natureza eminentemente lúdica, formativa e cultural, a regulamentar, designadamente quanto ao seu âmbito, por portaria do membro do Governo responsável pela área da educação.

O líder escolar, de acordo como consta no preâmbulo DL 55/2018, através da forma como perceciona e promove a liderança, tem a possibilidade de dar mais ênfase ao “papel decisivo das escolas e dos professores no processo educativo dos alunos” (p. 2929). Dada a dimensão do trabalho a desenvolver torna-se imprescindível abrir espaço para o trabalho colaborativo através de uma perspetiva distribuída de liderança, mobilizando as equipas de trabalho com fim último na missão e objetivos definidos.

O DL 55/2018 pretende assim dar à escola mais autonomia, para que exista menos hierarquia entre os atores da organização e ocorrendo assim mais colaboração entre estes, no único e principal objetivo que é o sucesso nas aprendizagens do aluno. Desta forma, prioriza-se a concretização de uma política educativa focada nas pessoas para garantir a igualdade de acesso à escola pública, fomentando o sucesso educativo e consequentemente a igualdade de oportunidades.

2. DESPORTO ESCOLAR E UNIDADES DE APOIO ALTO RENDIMENTO NA ESCOLA

De acordo com o preâmbulo do Decreto-Lei n.º 95/91, de 26 de fevereiro, onde é aprovado o regime jurídico da Educação Física e do DE, “O acesso à educação, ao bem-estar físico e à saúde, através de uma prática desportiva orientada, é um direito que assiste a todos os portugueses, com especial incidência nos jovens em idade escolar.”

De acordo a nota introdutória do Regulamento Geral de funcionamento do DE (RGFDE), o Programa Estratégico do Desporto Escolar 2021-2025 (PEDE),

...fomenta a introdução à prática desportiva e à competição enquanto estratégias de promoção do sucesso educativo e de estilos de vida saudáveis, com respeito pelos princípios de igualdade de oportunidades e da diversidade, constituindo, assim, um importante meio para o desenvolvimento das áreas de competências, atitudes e valores previstos no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO).

De acordo com Serrão (2021), as UAARE “têm como principal objetivo promover a articulação entre os diferentes intervenientes que concorrem para o sucesso escolar e desportivo dos alunos-atletas” e o programa “visa criar as condições necessárias para que sejam cumpridas as medidas de apoio previstas na lei para alunos-atletas ” (p. 21), pelo que se deverá articular o sucesso dos alunos na escola e o percurso da alta competição.

O diretor escolar deve estar consubstanciado das vantagens que estes dois projetos podem desempenhar no sucesso académico dos alunos, sendo que o seu desenvolvimento poderá contribuir para um ambiente mais saudável na escola e propício ao sucesso académico.

2.1. O PROJETO DO DESPORTO ESCOLAR

O DE representa um dos principais instrumentos de ação do Ministério da Educação, caracterizando-se pela sua abrangência no sistema educativo, que visa a promoção de atividades desportivas como complemento ao currículo (extracurricular), com a perspectiva de ampliação de forma progressiva e constante a variedade de opções disponíveis para os alunos. A legislação desempenha também no DE um papel fundamental, fornecendo diretrizes, regras e princípios que orientam a prática desportiva das escolas que dela fazem parte.

2.1.1 A LEI N.º 46/1986 - LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO

A versão consolidada da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), promulgada a 14 de outubro de 1986, no seu Artigo 51.º Ocupação dos tempos livres e desporto escolar, já contempla as atividades desportivas, extracurriculares e também o próprio DE e que constam no Quadro 6.

Quadro 6 - LBSE, Capítulo VII, Artigo 51.º (resumo)

Ocupação dos tempos livres e desporto escolar
Ponto 1 - As actividades curriculares, (...) devem ser complementados por acções orientadas para a formação integral e a realização pessoal dos educandos no sentido da utilização criativa e formativa dos seus tempos livres.
Ponto 2 - Estas actividades de complemento curricular visam, (...), o enriquecimento cultural e cívico, a Educação Física e desportiva, (...)
Ponto 3 - As actividades de complemento curricular podem ter âmbito nacional, regional ou local e (...), ser da iniciativa de cada escola ou grupo de escolas.
Ponto 4 - As actividades de ocupação dos tempos livres devem valorizar a participação e o envolvimento das crianças e dos jovens (...)
Ponto 5 - O Desporto Escolar visa especificamente a promoção da saúde e condição física, a aquisição de hábitos (...) estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia (...) devendo ser fomentada a sua gestão pelos estudantes praticantes, salvaguardando-se a orientação por profissionais qualificados.

Saliente-se, então, que já em 1984, ano em que a LBSE foi promulgada, a ocupação dos tempos livres das crianças era considerada essencial para a sua formação integral, sendo que o DE visava não só a valorização da prática desportiva, mas também o desenvolvimento da autonomia e da cooperação sob a orientação de profissionais qualificados.

2.1.2. O DECRETO-LEI N.º 95/1991

O Decreto de Lei n.º 95/1991 aprova o quadro geral da Educação Física e Desporto Escolar como unidades coerentes de ensino. Na sua introdução é referido que “o desenvolvimento do sistema educativo nacional passa, necessariamente, por uma, bem estruturada organização da Educação Física e do Desporto Escolar” (p.940) e que para tal

O acesso à educação, ao bem-estar físico e à saúde, através de uma prática desportiva orientada, é um direito que assiste a todos os portugueses, com especial incidência nos jovens em idade escolar.

Simultaneamente, “o desporto escolar deve promover a saúde e a condição física, bem como a educação moral, intelectual e social da juventude portuguesa, no respeito absoluto pelo direito à individualidade e à diferença, partindo do princípio de que a actividade desportiva do jovem deve servir exclusivamente a sua educação, sem parcialismo e em verdadeiro espírito de cooperação” (p 941).

Na sua secção II, artigo 5.º é apresentada a definição de desporto escolar no seu ponto 1:

Entende-se por desporto escolar o conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividades da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo.

Por seu lado e de acordo com o ponto 1 deste normativo, as atividades são desenvolvidas não só nas escolas dos 2.º e 3.º Ciclo do Ensino Básico, como também nas escolas do Ensino Secundário.

O Desporto Escolar está organizado em três níveis: Local (grupos de equipas de cada escola), Regional (estruturas de coordenação das direções regionais de educação) e Central (Direcção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário), tendo como órgãos consultivos o Conselho Técnico e o Conselho Nacional do Desporto Escolar (Capítulo II, Secção I, Artigo 7.º).

De acordo com o artigo 8.º a organização local do desporto escolar faz-se através do núcleo do Desporto Escolar, através do seu órgão de gestão e administração, devendo prever uma manhã ou uma tarde reservada à prática desportiva sem prejuízo da atividade curricular. O artigo 9.º define os núcleos do desporto escolar como uma unidade organizativa da escola na qual se processam as práticas do desporto escolar e que se organizam de acordo com o grau de ensino, o projeto educativo da escola e a especificidade da região.

Em suma, o Decreto de Lei n.º 95/1991 apresenta alguns pontos essenciais para este estudo e que apresentamos no Quadro 7.

Quadro 7 - O Decreto de Lei n.º 95/1991

Resumo do Decreto de Lei n.º 95/1991
<ul style="list-style-type: none">• Aprova o quadro geral da Educação Física e Desporto Escolar• O acesso não só à educação, como também ao bem-estar físico e à saúde, através de uma prática desportiva orientada, é um direito que assiste os jovens em idade escolar• Apresenta uma definição de desporto escolar e clarifica a sua abrangência• Refere que a sua organização ao nível de escola é feita pelo núcleo do desporto escolar (professores) através do seu órgão de gestão tendo em conta o seu projeto educativo

2.1.3. O REGULAMENTO GERAL DE FUNCIONAMENTO DO DESPORTO ESCOLAR

O Regulamento Geral de Funcionamento do Desporto Escolar (RGFDE), define as normas e procedimentos de participação dos Agrupamentos de Escola (AE) e Escolas Não Agrupadas (AENA) e dos estabelecimentos do ensino particular e cooperativo, no âmbito do Programa Estratégico do Desporto Escolar 2021-2025 (PEDE), no ano letivo 2023-2024.

Na sua nota introdutória, está explanado que o DE ganha cada vez mais uma importância particular devido ao seu contributo para o bem-estar e saúde dos alunos, sendo essencial que todos os intervenientes envolvidos possam agir de forma a maximizar e concretizar os objetivos previstos.

No seu artigo 3.º, Organização da Oferta Educativa, está referido “que as atividades que integram o PEDE têm características diferenciadas” que permite às escolas uma maior e melhor articulação com o seu Projecto Educativo, apresentadas no Quadro 8.

Quadro 8 – Organização da Oferta Educativa – PEDE (pág.4)

Oferta Educativa DE, dos 3 níveis de atividade
<ul style="list-style-type: none">• <u>Nível I</u> – conjunto de atividades que visam a promoção da aptidão física e de atividades desportivas, organizadas em complemento das Aprendizagens Essenciais da disciplina de EF e são dinamizadas na componente não letiva dos professores de EF (atividades de carácter não regular: torneios interturmas, formação de alunos juízes-árbitros escolares...).
<ul style="list-style-type: none">• <u>Nível II</u> – Atividades que implicam a participação regular em treinos, dinamizadas na componente letiva dos docentes e, na sua maioria, envolvendo a participação em competições interescolares de modalidades desportivas, integrando os projetos «DE Competição», «DE Sobre Rodas», «DE Comunidade» e «DE Escola Ativa» (p.4).
<ul style="list-style-type: none">• <u>Nível III</u> - atividades de aprofundamento da prática desportiva, treino e competição, em modalidades e grupos-equipa (GE) de elevado potencial desportivo e que, no âmbito do projeto «DE Competição», participam em competições escolares e federadas (p.5).

- Centros de Formação Desportiva do Desporto Escolar (CFDDE) - polos de desenvolvimento ...dinamizados em parceria com federações, municípios e organizações locais que visam a iniciação e o aperfeiçoamento do desempenho desportivo, a formação e certificação de professores (p.5).

A escolha da oferta desportiva de cada escola “é da inteira responsabilidade dos órgãos de gestão dos AE/ENA, tendo em conta os interesses dos alunos” (p.8) bem como das modalidades definidas no referido regulamento.

No seu Artigo 19.º estão definidas as competências das Direções dos Clubes de Desporto Escolar, onde é referido que, “Os Diretores dos AE/ENA são os responsáveis máximos pelos Clubes do Desporto Escolar...”. No seu ponto 2, estão elencadas as competências a desenvolver pelo diretor da escola/presidente e no ponto 3 estão elencadas as competências dos órgãos de gestão dos AE/ENA.

O Quadro 9 resume as competências do presidente do Clube do Desporto Escolar e que constam no Regulamento Geral de Funcionamento do Desporto Escolar.

Quadro 9 - RGFDE Artigo 19.º - Competências das Direções dos Clubes de Desporto Escolar

Ponto 2 - Competências do diretor da escola/presidente do Clube do Desporto Escolar (CDE)
<ul style="list-style-type: none"> • Assegurar a articulação das atividades do Desporto Escolar com a componente curricular, com o Projeto Educativo da Escola (PE) e com o Plano Anual de Atividades da Escola (PAA); • Assegurar a divulgação por toda a comunidade educativa das atividades desenvolvidas no âmbito do CDE; • Supervisionar as atividades desportivas de extensão e complemento curricular; • Promover os estilos de vida saudáveis no AE/ENA, através da criação de hábitos de prática desportiva regular; • Submeter os relatórios com a informação solicitada pela Estrutura do Desporto Escolar elaborados pelo Coordenador do CDE, nomeadamente, relatórios trimestrais e relatório anual;

- Compatibilizar as atividades curriculares, treinos e competições, para alunos e professores, bem como as instalações disponíveis: - Por ciclo; - Por ano de escolaridade; - Por escalão etário;
- Promover a realização dos quadros competitivos preferencialmente aos dias de semana.

O RGFDE ainda no artigo 19.º, no ponto 3 refere que “Compete aos órgãos de gestão dos AE/ENA coordenar, apoiar e avaliar o desenvolvimento do Projeto do Clube do Desporto Escolar” (PCDE), devendo para o efeito assegurar algumas condições que constam no Quadro 10.

Quadro 10 - RGFDE Artigo 19.º - Competências dos Órgãos de Gestão - Resumo

Ponto 3 - Competências dos Órgãos de Gestão dos AE/AENA (resumo)
<ul style="list-style-type: none"> • Garantir condições para o desenvolvimento das atividades, designadamente o acesso aos espaços e materiais adequados para o treino e competição dos GE. • Viabilizar a organização dos horários dos docentes, alunos e instalações, de modo a permitir que os treinos tenham a possibilidade de se organizarem com uma duração até 3 ou 5 tempos, 2 vezes por semana. • Afetar a componente não letiva aos docentes de EF envolvidos tendo em conta: A dinamização de atividades de nível I, frequência das atividades de nível II, a dimensão do PCDE e número de alunos envolvidos, bem como a frequência de intercâmbios desportivos com outros AE/ENA. • Autorizar a participação dos respetivos docentes nas reuniões promovidas no âmbito do Desporto Escolar. • Divulgar a oferta desportiva do PCDE. • Aplicar as sanções previstas no regulamento interno dos AE/ENA sempre que se verifiquem comportamentos inadequados dos alunos. • Monitorizar a assiduidade dos docentes responsáveis e participantes nas atividades de Níveis I, II e III e restantes projetos do DE. • Cumprir e fazer cumprir a legislação em vigor, no que respeita ao regime de faltas de alunos e professores. • Promover internamente, no mínimo, uma reunião por período letivo ou semestre

com os professores participantes no CDE.

- Designar um professor acompanhante, sempre que uma escola tenha alunos apurados individualmente e tal seja solicitado pelas estruturas do Desporto Escolar.

Em conformidade com o RGFDE, as competências dos órgãos de gestão e do diretor da escola abrangem não só a garantia dos recursos materiais para a execução do projeto do DE, como também a sua divulgação, supervisão e promoção de estilos de vida saudáveis, na compatibilização das atividades curriculares, treinos e competições, viabilizando e compatibilizando os horários dos professores e alunos, para que os alunos possam participar nas atividades do Desporto Escolar, contribuindo assim para ter uma escola mais ativa ao nível da prática da atividade física.

2.1.4. O PROGRAMA ESTRATÉGICO DO DESPORTO ESCOLAR

O Programa Estratégico do Desporto Escolar (PEDE) 21-25, é um documento que define as diretrizes para envolver as comunidades escolares com as escolas, retirando partido dos seus recursos e organização, contribuindo desta forma para a meta apresentada pelo Governo, de tornar o país um dos quinze mais ativos na Europa em uma década (XXII Governo Constitucional, 2019). O PEDE,

fomenta a introdução à prática desportiva e à competição enquanto estratégias de promoção do sucesso educativo e de estilos de vida saudáveis, com respeito pelos princípios de igualdade de oportunidades e da diversidade, constituindo, assim, um importante meio para o desenvolvimento das áreas de competências, atitudes e valores previstos no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” (RGFDE, 2023, p.3).

O PEDE é claro ao referir que o desporto, pelas suas diversas características, permite reproduzir as relações sociais de cooperação e oposição, respeitando valores e regras gerais, sob a orientação de um professor. Desta forma é promovido o desenvolvimento

da autonomia dos alunos, consubstanciada em valores e que fomentam o reconhecimento e o respeito pelo esforço do outro, indo ao encontro dos princípios do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO).

Este documento estruturante (PEDE) foi definido de acordo com Valores, Área de Competência e Eixos apresentado no Quadro 11.

Quadro 11 - PEDE 21-25 Valores, Áreas de Competência e Eixos

Valores	- Responsabilidade e integridade; Excelência e exigência; Curiosidade, reflexão e inovação; Cidadania e participação; Liberdade.
Áreas de competência	- Consciência e domínio do corpo; - Bem-estar, saúde e ambiente; - Raciocínio e resolução de problemas; Pensamento crítico e pensamento criativo; - Relacionamento interpessoal; - Desenvolvimento pessoal e autonomia; - Sensibilidade estética e artística.
Eixos	- 1+ Desporto e + Atividade Física; - Formação de alunos e professores; - Cidadania Inclusão e Ética; - Cogestão e codecisão na escola; - Desporto verde e sustentável; - Envolvimento das/nas comunidades

O DE configura-se assim, como um dos meios de intervenção do Ministério da Educação e Ciência com mais abrangência no sistema educativo, promovendo atividades desportivas como complemento curricular, tendo como objecto principal a expansão gradual e contínua da variedade de atividades desportivas disponibilizadas aos alunos.

Para que seja concretizado em pleno é necessário que as atividades sejam diferenciadoras e regulares, cabendo ao diretor escolar, articular as suas atividades com o Projeto Educativo da Escola (PE) e PAA e promover estilos de vida saudáveis na sua Escola. Para tal é essencial que se compatibilize as atividades curriculares com os treinos e competições, garantindo as condições, como o acesso aos espaços e horários compatíveis.

Face ao exposto podemos concluir que o DE é considerado pela LBSE como fundamental para a promoção da saúde, desenvolvimento motor e cultural dos estudantes, incentivando valores como solidariedade, cooperação e autonomia. A

participação dos estudantes nas atividades do DE deve ser encorajada e supervisionada por profissionais qualificados, sendo regulamentado pelo Decreto-Lei n.º 95/91, como uma atividade complementar ao currículo escolar, promovendo práticas desportivas e formativas nos 2.º e 3.º Ciclos do ensino básico e no ensino secundário.

É perceptível então que o gestor escolar tem de desempenhar um papel fundamental na concretização bem-sucedida do Projeto de Desporto Escolar em Portugal, sendo também o principal responsável pela supervisão das atividades e organização do clube de Desporto Escolar, garantindo condições para o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, é também fulcral alocar os recursos humanos e materiais necessários, criando as condições propícias para o desenvolvimento de um ambiente enriquecedor no âmbito desportivo para os alunos da escola, garantindo a ocupação dos tempos livres dos alunos (de acordo LBSE), possibilitando o acesso à educação, ao bem-estar físico e à saúde por meio de uma prática desportiva orientada.

Além disso, deve assegurar que a prática desportiva e a competição sejam utilizadas como estratégias para promover o sucesso educativo e estilos de vida saudáveis, mantendo o respeito pelos princípios de igualdade de oportunidades e diversidade. Por fim, o Desporto Escolar configura-se como um meio determinante para o desenvolvimento das áreas de competências, atitudes e valores delineados no PASEO.

2.2. O PROJETO DAS UNIDADES DE APOIO AO ALTO RENDIMENTO NA ESCOLA (UAARE)

O modelo das UAARE foi inspirado no Gabinete de Apoio ao Alto Rendimento da Escola Secundária de Montemor-o-Velho, criado em 2009, que conseguiu grande relevância, pelo sucesso que os alunos obtiveram na escola e na sua atividade desportiva.

De acordo com Monteiro (2018), “este projeto Português, muito impulsionado pelo professor Victor Pardal, teve por base exemplos europeus, no entanto, como os sistemas educativos e desportivos nacionais são distintos, o objetivo foi sempre replicar ideias e

boas práticas e não copiar modelos, numa tentativa de criar uma opção de sucesso para os atletas” (p.6).

Mais tarde foi criado o Projeto-piloto “Unidades de Apoio ao Alto Rendimento na Escola (UAARE)” pelo despacho conjunto n.º 9386-A/2016, de 21 de julho, que de acordo com Monteiro (2018), em 2017 o projeto deixa de ser piloto e as escolas passam a ser definitivamente escolas da rede UAARE e integram como piloto mais 5 escolas e mais uma na condição de associada.

2.2.1. O DECRETO-LEI N.º 272/2009

O Decreto-Lei n.º 272/2009, de 1 de outubro, estabelece as medidas específicas de apoio ao desenvolvimento do desporto de alto rendimento, procedendo também à primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 393-A/99, de 2 de Outubro, que regula os regimes especiais de acesso e ingresso no ensino superior.

No seu artigo 3.º é referido que “O desporto de alto rendimento reveste especial interesse público na medida em que constitui um importante factor de desenvolvimento desportivo e é representativo de Portugal nas competições desportivas internacionais.” (p.5). Como tal foram legisladas algumas medidas que possibilitem aos praticantes de alto rendimento consigam manter as atividades escolares e o rendimento desportivo.

Assim, o normativo veio ainda possibilitar que os praticantes desportivos de alto rendimento possam ter horários que se adaptem à sua preparação desportiva (artigo 15.º), marcação de avaliações que não colidam com as competições, (artigo 17.º), a criação de um professor acompanhante, bem como um conjunto de deveres gerais e específicos aos praticantes desportivos de alto rendimento e um deles é o rendimento escolar (artigo 35.º).

2.2.2. A PORTARIA N.º 275/2019, DE 27 DE AGOSTO

De acordo com o definido na legislação, portaria 275/2019, a UAARE “tem por objetivo conciliar, com sucesso, a atividade escolar com a prática desportiva de alunos - atletas do ensino básico e secundário enquadrados no regime de alto rendimento, integrados em seleções nacionais e alunos-atletas com potencial talento desportivo,

através da articulação eficaz entre agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas, encarregados de educação, federações desportivas e seus agentes, municípios e outros interessados.”

A Portaria n.º 275/2019 veio regulamentar as condições de funcionamento das UAARE, estabelecidas em AE/AENA da rede pública do Ministério da Educação que oferecem suporte estrutural à conciliação da carreira dupla de alunos-atletas de alto rendimento, integrados nas seleções nacionais ou outras representações desportivas nacionais, potenciais talentos desportivos, bem como de outros agentes desportivos. Sendo que as UAARE são criadas em AE/AENA da rede pública do Ministério da Educação, a definir por despacho do membro do Governo responsável pela área da educação.

As escolas UAARE, com vista aos melhores resultados desportivos e escolares dos destinatários apresentam um ensino diferenciado, tendo ao seu dispor equipas pedagógicas com objetivo de desenhar, implementar e acompanhar o processo pedagógico e psicológico dos alunos-atletas, de acordo com o Quadro 12.

Quadro 12 - Tarefas escolas UAARE Portaria 275/2019

Escolas UAARE – Implementação e acompanhamento dos alunos atletas
a) Conciliar, com sucesso, a atividade escolar com a prática desportiva dos alunos-atletas do ensino básico e secundário;
b) Promover a articulação eficaz entre escola, encarregados de educação, federações desportivas e seus agentes, municípios e outros interessados, de modo a garantir a equidade, a personalização e a flexibilidade no acesso aos processos de aprendizagem (de acordo com DL n.º 54/2019);
c) Potenciar os sucessos escolar e desportivo destes alunos com a diversificação, a flexibilidade e a inovação pedagógica na gestão dos respetivos currículos (de acordo com n.º 55/2018);
d) Possibilitar a adoção de métodos e percursos individuais de aprendizagem, em cooperação e articulação com clubes e federações desportivas, e com recurso à monitorização entre pares pedagógicos (professores dos conselhos de turma e professores da Sala Estudo Aprender Mais -SEAM), garantindo-se, igualmente, a gestão dos períodos de ausência e o ajustamento dos ritmos e processos de aprendizagem.

O projeto UAARE, de acordo com o artigo 2.º, âmbito e aplicação, da referida portaria, tem como destinatários alunos-atletas, consoante o seu desempenho desportivo, e que é apresentado no Quadro 13.

Quadro 13 - Destinatários Projeto UAARE - Portaria 275/2019

Destinatários do Projeto UAARE
a) Alunos - atletas de nível I com estatuto de alto rendimento;
b) Alunos - atletas de nível II que integrem seleções nacionais ou outras representações desportivas nacionais;
c) Alunos - atletas de nível III com potencial talento desportivo, mediante comprovativo que ateste tal estatuto, com evidências relevantes, validadas pelo diretor técnico nacional da federação da respetiva modalidade desportiva;
d) Alunos - atletas noutras situações, autorizadas pelos membros do Governo responsáveis pelas áreas da educação e do desporto;
e) Outros agentes desportivos previstos no artigo 25.º do Decreto-Lei n.º 272/2009, de 1 de outubro, e no artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 45/2013, de 5 de abril, integrados nos níveis UAARE para alunos/atletas.

De acordo com o Artigo 13.º, a Escola UAARE assegura o acompanhamento, a monitorização e certificação das aprendizagens dos alunos, cabendo ao diretor da escola as seguintes competências, apresentadas no Quadro 14.

Quadro 14 - Portaria 275/2019, Competências do Diretor

Competências do diretor escolas UAARE
- Designar o professor acompanhante;
- Designar o psicólogo escolar para dar apoio aos alunos atletas;
- Criação da equipa de escola UAARE que integra a sala SEAM;
- Celebrar com o encarregado de educação ou com o aluno-atleta, quando maior de idade, o compromisso de conciliação na carreira dupla;
- Garantir que o encarregado de educação estabeleça o compromisso de conciliação na carreira dupla com a escola UAARE;
- Decidir sobre a renovação de matrícula, ouvido o encarregado de educação e o interlocutor desportivo, caso se verifique o incumprimento do estabelecido no compromisso de conciliação na carreira dupla.

As escolas UAARE, com vista aos melhores resultados desportivos e escolares dos seus alunos-atletas, têm como objetivo conciliar o desempenho da atividade escolar, leia-se sucesso, com a prática desportiva regular. O objetivo primordial é de efetuar uma conciliação o mais perfeita possível, entre a Escola e a prática desportiva, promovendo uma articulação eficaz entre treinadores, professores e encarregados de educação, procurando garantir a equidade, personalização e flexibilidade no acesso aos processos de aprendizagem, alinhando-se com as disposições do DL n.º 54/2019.

As UAARE visam uma articulação eficaz entre a Escola, os Encarregados de Educação, as Federações Desportivas e os Municípios. Nesse sentido, o projeto UAARE procura uma simbiose entre o sucesso dos alunos na escola e o percurso da alta competição, atuando em três domínios fundamentais: gestão escolar, gestão desportiva e saúde e bem-estar. Esta intervenção é realizada em rede, de modo a garantir as condições ideais para a conciliação entre os compromissos escolares e a prática desportiva de alto rendimento.

Desta forma as escolas UAARE apresentam um ensino diferenciado, cabendo ao diretor construir equipas pedagógicas, fulcrais para potenciar o sucesso escolar e desportivo destes alunos, através da diversificação, flexibilidade e inovação pedagógica na gestão dos respetivos currículos (de acordo com n.º 55/2018).

3. A PRÁTICA DESPORTIVA E O SUCESSO ACADÉMICO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2020), a atividade física regular é fundamental para a prevenção e o controlo das doenças, como as doenças cardiovasculares, a diabetes tipo 2 e até para a prevenção de alguns cancros. A Atividade Física (AF) regular de acordo com a mesma organização traz ainda benefícios ao nível da saúde mental, na prevenção do declínio mental e ansiedade, como contribui para a manutenção do bem-estar geral.

As orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2020, de acordo com Bull (2020) referem que alguma AF é melhor do que nenhuma, e que mais AF é benéfica para a saúde, logo é fundamental a redução de comportamentos sedentários. Desta forma a promoção e criação de hábitos saudáveis tornam-se vitais no combate ao sedentarismo, na procura constante melhoria da qualidade de vida e sendo a prática desportiva regular crucial, como se pode verificar pelo Quadro 15.

Quadro 15 - Impacto da atividade física em crianças e adolescentes

Comportamentos Ativos	Comportamentos Sedentários
<p>Proporcionam benefícios para a saúde:</p> <ul style="list-style-type: none"> - aptidão física, saúde cardiometabólica (pressão arterial, dislipidemia, glicose...), saúde óssea, resultados cognitivos (desempenho académico) e saúde mental (redução dos sintomas de depressão) e redução da adiposidade. 	<p>Estão associados a efeitos prejudiciais para a saúde:</p> <ul style="list-style-type: none"> - aptidão física e saúde cardiometabólica, adiposidade, comportamento conduta/prosocial e duração do sono.
Recomendações	Recomendações
<ul style="list-style-type: none"> - Realizar, em média, pelo menos 60 minutos por dia de atividade física de intensidade moderada a vigorosa; - Realizar atividades aeróbicas de alta intensidade, assim como aquelas que fortalecem músculos e ossos. 	<ul style="list-style-type: none"> - As crianças e adolescentes devem limitar a quantidade de tempo gasto em comportamentos sedentários, nomeadamente em frente de “écrans”.

Nota: Adaptado de Bull 2020 (OMS Guidelines 2020)

A prática de AF e a promoção de comportamentos ativos são essenciais para a melhoria da qualidade de vida, sendo que a escola deverá ser promotora de aprendizagens e de hábitos que permitam ajustar os comportamentos dos alunos com vista à criação de hábitos de vida cada vez mais saudáveis.

Desta forma neste capítulo iremos ter a preocupação de clarificar alguns conceitos e, com base em estudos, perceber se a prática desportiva condiciona de alguma forma o desempenho académico.

3.1. ATIVIDADE FÍSICA, DESPORTO E PRÁTICA DESPORTIVA

“Primitivamente, o homem tinha pouca longevidade, envelhecia rápido, não se preocupava com a conservação do corpo, ingeria poucas calorias e alimentava-se mal, dava muito valor à sobrevivência, não possuía consciência ou responsabilidade sobre o seu corpo, a idade era determinada pela passagem dos anos e convenções sociais” (Homen, 2006, p.133).

Hoje em dia, os tempos são outros, sendo a prática de atividade física desportiva cada vez mais recomendada, tendo em conta os seus benefícios para a saúde, com efeitos diretos na qualidade de vida, o que suscita uma preocupação cada vez maior por parte de toda a sociedade.

Bouchard et al. (1994) estudaram o conceito de AF, concluindo que o mesmo é todo e qualquer movimento produzido pelos músculos esqueléticos que resulte num substancial dispêndio energético, relativamente ao consumo metabólico basal.

De acordo com o American College of Sports Medicine (ACSM), e que constam nas Guidelines de Williams e Wilkins (2000), AF pode também ser definida como os movimentos corporais produzidos pela contração dos músculos esqueléticos que eleva substancialmente o dispêndio da energia.

Embora a literatura ao longo dos tempos possa apresentar várias definições, a OMS (2018), define AF como qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos, que exija um gasto de energia. Assim, atividades como brincar, atividades

domésticas, trabalhar e atividades recreativas, ajudam a reduzir o risco de doenças não transmissíveis.

No que concerne ao conceito de Desporto, de acordo com Pires (1994), várias foram as tentativas para definir o desporto, uma tarefa que, na verdade, não é fácil. Ao analisar as diversas definições disponíveis, torna-se claro que o desporto abrange elementos como exercício físico, movimento, tempo livre, jogo, lazer, ética, estética, esforço, luta, aventura, treino, competição, regras, mortalidade, força, destreza, objetivos, classificações, rendimento e resultados.

Rosa (2022) refere que o desporto é um tema cada vez mais importante, continuando a ser um dos fenómenos sociais mais marcantes da nossa época, sendo a sua prática cada vez mais democratizada e exigindo treino. Desta forma, é necessário haver praticantes que pratiquem a modalidade e lhe "dêem vida" e significado, tornando-se estes (os praticantes) fulcrais para o seu desenvolvimento e sucesso.

Para o presente estudo, é imperativo definir o conceito de prática desportiva. De acordo com o Conselho da Europa (1995), a prática desportiva engloba todas as formas de atividade física que, através de uma participação organizada ou não, visam objetivos diversos, incluindo o aprimoramento das condições físicas e psíquicas, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados em competições de todos os níveis.

Pires (1991) transmite a ideia de que o direito à prática desportiva é um direito e uma satisfação dos que praticam desporto, considerando praticante desportivo aquele que pratica desporto sem estar sujeito aos padrões impostos por qualquer organismo regulamentador, nacional ou internacional.

De acordo com Garcia (2015), nos AE/ENA a prática desportiva para além de ser um dever, é um instrumento de relevo e utilidade no combate ao insucesso e abandono escolar, promovendo a inclusão, a aquisição de hábitos de vida saudável e a formação integral de jovens em idade escolar, através da prática desportiva.

De acordo com Gonçalves (2002), a prática desportiva na escola deve oferecer a todas as oportunidades de participação em atividades, sejam elas recreativas ou competitivas.

Assim incentiva o desenvolvimento de atitudes como a integração, a convivência social, o sentido de responsabilidade, a partilha e a pertença a um grupo, assim como a compreensão dos direitos e deveres. Além disso, deve transmitir valores fundamentais como a tolerância, espírito de equipa, de respeito pelas diferenças na liberdade do outro, contribuindo para um estilo de vida mais ativo e saudável.

Segundo Morais (2017), a prática desportiva é uma ferramenta essencial para ser trabalhada dentro do contexto educacional, vista que assume o compromisso de formação completa do ser humano, seja ela em suas capacidades físicas, psicológicas, fisiológicas, sociais ou emocionais.

3.2. IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DESPORTIVA PARA A SAÚDE - RECOMENDAÇÕES

É do senso comum que a prática de atividade física ou desporto é fundamental para a saúde e o bem-estar da população em geral, e que, em conjunto com uma alimentação equilibrada, contribui para a saúde dos cidadãos.

De acordo com a Direção Geral de Saúde (2017) “Numa perspetiva nacional, é prioritário consciencializar a população para a importância da atividade física na saúde e a implementação de políticas intersectoriais e multidisciplinares que visem a diminuição do sedentarismo e o aumento dos níveis de atividade física” (p. 16).

A inatividade física é considerada como um dos principais fatores de risco para as doenças crónicas não transmissíveis. Considerando a relevância deste problema de saúde pública, a OMS recomenda a adoção de instrumentos estratégicos nesta área que facilitem a organização dos serviços, a formação de profissionais e a distribuição de recursos para a promoção da atividade física e, por outro lado, que sejam criadas condições para que existam ambientes promotores de AF nos locais onde as pessoas vivem e trabalham e que reconheçam as vantagens de ter um estilo de vida mais ativo, diminuindo o sedentarismo (DGS – 2016).

De acordo com o Gabinete do Secretário de Estado adjunto e da saúde de Portugal, através do despacho n.º 8932/2017, “a adoção e manutenção de estilos de vida saudáveis pela população reveste -se da maior importância para uma intervenção efetiva

no controlo das doenças crónicas não transmissíveis e na melhoria da qualidade de vida da população, em todas as fases do ciclo de vida.” Ainda no seu preâmbulo está bem explanado que no âmbito da promoção da AF, que a Estratégia Europeia para a Atividade Física 2016-2025 da OMS e a Estratégia Nacional para a Promoção da Atividade Física, Saúde e Bem-estar, identifica também os sistemas de saúde como essenciais e facilitadores na promoção da atividade física

A DGS (2016) tem como missão até 2025 de “ (...) consciencializar a população para a importância da atividade física na saúde e a implementação de políticas intersetoriais e multidisciplinares que visem a diminuição do sedentarismo e o aumento dos níveis de atividade física” (p. 12). Por sua vez é criada a Estratégia Nacional para a Promoção da Atividade Física, da Saúde e do Bem-Estar (ENPAF) 2016-2025, que apresenta uma visão, missão e objetivo central de acordo com o Quadro 16.

Quadro 16 – ENPAF 2016-2025, Visão, Missão e Objetivo Central

Visão	Ter uma população residente em território nacional com baixos níveis de sedentarismo, fisicamente ativa, usufruindo do maior número possível de anos de vida saudáveis e livres de doença.
Missão	Contribuir na criação, implementação e desenvolvimento de condições para que todas as pessoas residentes em território nacional reconheçam as vantagens, para a saúde, de adotarem comportamentos fisicamente ativos e para que todos, independentemente das suas condições de saúde, económicas, demográficas ou sociais, tenham a possibilidade de ter um estilo de vida ativo.
Objetivo Central	Numa perspetiva nacional, é prioritário consciencializar a população para a importância da atividade física na saúde e a implementação de políticas intersetoriais e multidisciplinares que visem a diminuição do sedentarismo e o aumento dos níveis de atividade física

No ano de 2020, a OMS divulgou as novas recomendações relativas à prática de atividade física e ao comportamento sedentário, que se prendem com seis mensagens fundamentais.

- 1) A atividade física é boa para o corpo e mente promovendo o bem-estar e ajudando a prevenir e/ou a gerir um conjunto importante de condições crónicas do foro cardiovascular, físico e mental, quando praticada de forma regular.
- 2) Qualquer volume de atividade física é melhor do que nenhum e mais é melhor, sendo que a prática mais atividade física do que o mínimo recomendado, fornece benefícios adicionais.
- 3) Toda a atividade física conta, podendo ser incluída nos diferentes contextos de vida, incluindo trabalho, formas de transporte, tarefas domésticas ou atividades de lazer.
- 4) Atividades de fortalecimento muscular beneficiam todos, incluindo adultos com idade superior ou igual a 65 anos, que devem incluir este tipo de atividades ao longo da semana, de forma a promover o equilíbrio, coordenação e força muscular, e assim contribuindo para a prevenção de quedas e melhoria da saúde.
- 5) Comportamento sedentário em excesso é prejudicial à saúde, podendo aumentar o risco de doença cardiovascular, alguns tipos de cancro e diabetes tipo 2. Deve, por isso, ser limitado e/ou interrompido.
- 6) Todos podem beneficiar com o aumento dos seus níveis de atividade física e redução do seu comportamento sedentário, incluindo mulheres grávidas ou em período pós-parto e pessoas com condições crónicas ou com deficiência (p. 1)

No Quadro 17 estão descritas algumas das recomendações da OMS para combater o sedentarismo e promover a AF.

Quadro 17 – Recomendação da OMS (2020) para a atividade física e comportamento sedentário

Recomendação da OMS para Atividade Física
- Pelo menos, 60 minutos por dia de atividade física de intensidade moderada a vigorosa, maioritariamente aeróbia;
- Pelo menos 3 vezes por semana, incorporar atividades de fortalecimento muscular e ósseo;
- Limitar o tempo despendido em comportamento sedentário, particularmente tempo de ecrã recreativo.

De acordo com o plano de ação global para atividade física 2018-2030, apesar de estar provado que a AF está diretamente relacionada com a prevenção e tratamento de doenças não transmissíveis, o mundo está a tornar-se cada vez menos ativo à medida que os países se vão desenvolvendo economicamente. Desta forma a OMS tem como objectivo reduzir a inatividade física em 10% até 2025 e em 15% até 2030.

Com o intuito de enfrentar os desafios associados à promoção de saúde a OMS concebeu o Plano de Ação Global para a Atividade Física 2018-2030. Esta iniciativa visa fomentar estilos de vida mais ativos e saudáveis, por meio da ampliação da conscientização acerca dos benefícios da prática regular de exercício físico para a saúde pública.

A OMS reconhece que a responsabilidade de promover a AF não é exclusiva do setor da saúde, mas abrange diversos setores da sociedade. A meta estabelecida é a de tornar o exercício parte do quotidiano da população, com o intuito de se verificarem melhorias a nível da saúde e do bem-estar globais até 2030.

Em seguida é apresentado o Plano de Ação da OMS para a atividade física até 2030, no Quadro 18.

Quadro 18 - Plano de Ação Global para Atividade Física 2018-2030

Criar Sociedades Ativas	<u>Normas sociais e atitudes</u> Criar uma mudança de paradigma em toda a sociedade, aumentando o conhecimento, a compreensão e a valorização dos múltiplos benefícios da atividade física regular.
Criar Ambientes Ativos	<u>Espaços e lugares</u> Criar e manter ambientes que promovam e salvaguardem os direitos de todas as pessoas, permitindo o acesso equitativo a lugares para praticar atividade física regular.
Criar Pessoas Ativas	<u>Programas e oportunidades</u> Criar e promover o acesso a oportunidades e programas, para apoiar pessoas de todas as idades e capacidades a envolverem-se em atividade física regular, individualmente, em família e na comunidade.
Criar Sistemas Ativos	<u>Governança e facilitadores da ação política</u> Criar e fortalecer a liderança, governança, parcerias multissetoriais, a capacitação dos profissionais, na mobilização de recursos e implementação de ações coordenadas para aumentar a atividade física e reduzir o comportamento sedentário.

Desta forma, a OMS (2020) definiu seis grandes mensagens que esta organização transmite, com vista a orientar políticas públicas e a consciencializar a população para os riscos do sedentarismo, apresentadas no Quadro 19.

Quadro 19 - Mensagens da OMS para AF e comportamento sedentário

<ul style="list-style-type: none">– A atividade física é boa para o coração, o corpo e a mente– Qualquer quantidade de atividade física é melhor do que nenhuma, e quanto mais melhor– Toda a atividade física conta– O fortalecimento muscular beneficia toda as pessoas– Demasiado comportamento sedentário pode ser prejudicial à saúde– Todas as pessoas podem beneficiar com o aumento da atividade física e redução do comportamento sedentário
--

O mesmo organismo apresenta também algumas recomendações de boas práticas apresentadas no Quadro 20.

Quadro 20 - Recomendações de boas práticas - OMS 2020

- Praticar alguma atividade física é melhor do que nenhuma.
- Mesmo se as crianças e adolescentes não cumprirem as recomendações, praticar alguma atividade física será benéfico para a sua saúde.
- As crianças e adolescentes devem começar com pequenas quantidades de atividade física e aumentar gradualmente a frequência, intensidade e duração ao longo do tempo.
- É importante oferecer a todas as crianças e adolescentes oportunidades seguras e equitativas, e encorajar a participação em atividades físicas que sejam divertidas, diversificadas, e que sejam adequadas para sua idade e capacidade.

Desta forma é fundamental que as recomendações de boas práticas sejam disseminadas para públicos-chave, como tal a OMS recomenda a realização de campanhas de comunicação nacionais sustentadas que levem a uma maior consciencialização e conhecimento dos benefícios da atividade física regular e redução de comportamentos sedentários.

Assim, as recomendações da OMS sobre AF e comportamento sedentário orientam, com base em evidências, crianças, adolescentes, adultos e idosos sobre a quantidade de exercício necessário para melhorar a saúde e reduzir riscos. Estas orientações são fundamentais para ajudar os cidadãos e as comunidades a adotarem hábitos mais saudáveis, prevenindo doenças e promovendo o bem-estar físico e mental.

3.3. RESULTADOS DA PRÁTICA DESPORTIVA DO EUROBARÓMETRO 2022

Mesmo tendo em conta as antigas indicações/alertas da OMS, bem como das orientações internas de cada país, o certo é que os resultados sobre desporto e prática desportiva na europa não estão como o desejável.

O mais recente Eurobarómetro (2022), publicado pela Comissão Europeia, que abrange os 26 estados-membros, revela alguns dados curiosos como: - 33% dos europeus com mais de 15 anos não praticam qualquer atividade física vigorosa; - 19% afirmam nunca ter realizado atividades físicas de intensidade moderada; - 45 % dos europeus nunca realizam exercício ou participam em atividades físicas que revela a necessidade de uma maior promoção da prática desportiva; - 38 % dos europeus praticam desporto ou exercício físico, pelo menos, uma vez por semana, e 17 % menos de uma vez por semana.

Em Portugal, de acordo com o relatório supracitado, os resultados são ainda mais preocupantes, uma vez que, 49% dos portugueses declaram nunca ter praticado atividade física intensa e 38% afirmam não realizar atividade física de nível moderado. O estudo revela igualmente que, durante a pandemia de COVID-19, metade dos europeus reduziu o seu nível de atividade física ou deixou de a praticar por completo.

Em seguida é apresentada a Tabela 1, com um resumo das questões e respostas dos inquiridos do Eurobarómetro (2022).

Tabela 1 – Recomendações de boas práticas - OMS 2020

		RE	AR	RA	NU	NS
Com que frequência faz exercício ou pratica desporto?	PT22	4%	18%	5%	73%	0%
	PT17	3%	15%	4%	78%	0%
	UE22	6%	32%	17%	45%	0%
Com que frequência faz outra atividade física, como ir de bicicleta de um lado para outro, dançar, fazer jardinagem, etc.?	PT22	4%	13%	11%	72%	0%
	PT17	3%	10%	7%	80%	0%
	UE22	14%	36%	19%	31%	0%

Dados Eurobarómetro 2022 sobre a prática AF em Portugal (PT) e União Europeia (UE)

RE- Regularmente / AR – Com alguma regularidade / RA- Raramente / NU- Nunca / NS-Não sabe

Em Portugal, durante um período de cinco anos, foi observado um aumento de apenas 1% no número de praticantes regulares de atividades físicas, ao mesmo tempo que se registou uma diminuição de 3% na prática regular e um decréscimo no número de indivíduos que nunca praticaram AF.

Por outro lado, cerca de 73% dos portugueses declaram nunca fazer exercício ou praticar desporto, valor muito acima da média da UE (45%), assim como todos os outros indicadores. Relativamente à questão de com que frequência praticam outras atividades físicas, as respostas também estão muito abaixo da média da UE, salientando que apenas 5% dos portugueses realizam outras atividades, contra 14% da UE.

Relativamente ao tempo de inatividade física, os resultados do estudo de Portugal e da União Europeia estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Dados Eurobarómetro sobre tempo de inatividade por dia Portugal (PT) e União Europeia (UE)

		1	2	3	4	5
Quanto tempo passa sentado num dia normal?	PT22	21%	47%	20%	9%	3%
(Pode incluir o tempo sentado a uma secretária, a visitar amigos, a estudar ou a ver televisão.)	PT17	19%	55%	16%	8%	2%
	UE22	16%	43%	28%	11%	2%

Nota. 1. Até 2,30h /2. Entre 2,31h e 5,30h /3. Entre 5,31h e 8,30h /4. + de 8,30m /5. Não Sabe

Quanto ao tempo de inatividade por dia, saliente-se que, comparando os resultados de 2017 e 2022, existe alguma diferença no intervalo entre as 5h31 e as 8h30, que passou de 16% para 20%. No que se refere ao intervalo entre as 2h31 e as 5h30, ocorreu uma diminuição de cerca de 8%. É de salientar que, comparativamente aos resultados da União Europeia, existem diferenças no tempo de inatividade até 2h30 e no intervalo entre 5h31m e 8h30m.

Em suma, não existem grandes diferenças nos resultados de Portugal entre 2017 e 2022, tendo ocorrido um ligeiro aumento do número de inquiridos que praticam atividade física, mas ainda abaixo dos valores da UE.

3.4. PRÁTICA DESPORTIVA E O SUCESSO ACADÉMICO

Conforme demonstrado anteriormente, a criação de estilos de vida saudáveis pela população constitui um elemento crucial para uma intervenção eficaz no controlo das doenças e para a melhoria da qualidade de vida ao longo de todas as fases da vida. Neste estudo, é imperativo compreender igualmente se a AF está associada ao desempenho escolar dos jovens.

Durante décadas, o sucesso académico foi maioritariamente determinado pelo desempenho escolar dos alunos. Atualmente, este conceito tem vindo a perder alguma clareza. Tavares (2000, p. 8) entende que “sucesso académico, não é apenas o sucesso escolar ou educativo, mas também o sucesso pessoal, social e comunitário que deverá atingir o estudante”.

De acordo com Soares (2019) “parece existir um consenso alargado sobre a necessidade de uma definição mais ampla desta representação mental, que não se confunda com outros conceitos mais restritos como o rendimento/desempenho/sucesso escolar.” (p.11)

Para Nóvoa (2009) “sucesso” não é necessariamente igual para todos os alunos. Mas que é da nossa responsabilidade concebermos modos e percursos que assegurem o sucesso de todos os alunos, cada um à sua medida” (p.65).

Por seu lado, a LBSE (artigo 8.º – Anexo à Portaria n.º 1322/2007, de 4 de Outubro) refere que o rendimento escolar resulta da avaliação igual ou superior a dez valores dos conhecimentos adquiridos pelos alunos na escola, sendo um processo pedagógico que envolve professor e aluno na identificação das possibilidades da ação educativa e que orientam a construção do conhecimento pelo aluno. Assim, o sucesso académico, para efeitos de transição de ano letivo, está intrinsecamente ligado ao desempenho escolar, limitando-se apenas às classificações dos alunos, e não abrange todo o processo educativo ao longo do tempo.

A relação entre a prática desportiva e os resultados académicos tem vindo a ganhar cada vez mais preponderância nos últimos anos, tendo surgido alguns estudos sobre esta temática. Assim, é pertinente compreender se existe alguma relação entre o rendimento escolar e a prática desportiva dos alunos, para se perceber se a esta pode ser utilizada

como ferramenta de combate ao insucesso escolar e como fator de aumento da motivação dos alunos para as suas tarefas escolares.

Kamijo et. al. (2011), demonstraram também que a aptidão cardiorrespiratória está relacionada favoravelmente com o desempenho académico. Para além disso, os estudantes com peso normal tendem a ter um melhor desempenho escolar.

Banos et al. (2018) também encontraram uma relação positiva entre a capacidade cardiorrespiratória e o rendimento escolar em jovens e uma relação negativa entre obesidade e resultados escolares.

Recentemente, Valledos et al. (2022) apresentaram um estudo com 632 raparigas adolescentes e confirmaram a influência da prática desportiva regular, verificando que a média dos resultados escolares é superior em quem pratica, comparativamente com quem não pratica. Os mesmos autores concluíram neste estudo que os hábitos desportivos familiares (pais e mães) influenciam positivamente a prática desportiva das adolescentes, que por sua vez apresentam um desempenho académico significativamente superior.

Fox et al. (2008), num estudo com 4746 alunos do ensino básico e secundário chegaram a diversas conclusões, onde se destacam:

- A média final dos rapazes do ensino básico que participaram em equipas desportivas foi mais alta, em comparação com aqueles que não participaram em equipas desportivas, mas o mesmo não se verificou para as raparigas do ensino básico.
- Para rapazes e raparigas do ensino secundário, a participação em equipas desportivas estava significativamente associada a uma média mais elevada
- Para as raparigas do ensino secundário, a atividade física regular estava também relacionada com uma média escolar superior.

Num estudo realizado em Portugal por Batista et al. (2016) com uma amostra de 531 alunos do ensino básico dos municípios de Santarém, concluiu-se que os alunos com o maior número de horas semanais de AF regular apresentaram um nível de desempenho académico significativamente mais alto do que os alunos com menos horas ou sem registo de AF regular por semana.

Mais tarde, Kari et al. (2017) concluíram, num estudo com jovens entre os 12 e os 15 anos, que a AF na adolescência estava positivamente associada aos resultados escolares. O estudo indica também que a AF na adolescência não só pode antecipar o sucesso académico durante a escolaridade obrigatória, como também pode promover resultados académicos mais positivos em idades mais avançadas.

Bueno et al. (2017) concluíram, através de uma meta-análise, que a AF beneficia vários domínios da cognição e metacognição nos jovens. Barbosa et al. (2020), realizaram igualmente um estudo de metanálise, com o propósito de sintetizar as evidências apresentadas em revisões acerca do efeito da AF, no desempenho académico de crianças e adolescentes em idade escolar. Os investigadores concluíram que a atividade física teve efeitos insignificantes ou pequenos/médios positivos no desempenho académico, sendo que a prática regular e contínua de AF mostrou um efeito positivo médio no desempenho escolar. Desta forma, os autores transmitem a ideia de que a atividade física parece não ter um efeito prejudicial no desempenho académico de crianças e jovens em idade escolar, podendo, na verdade, ser benéfica.

Em suma, de acordo com a bibliografia consultada, parece existir uma relação positiva entre a AF e o Sucesso Académico. Deste modo, o presente estudo teve como objetivo analisar os resultados académicos, verificando se a prática de AF se relaciona com o sucesso académico, nomeadamente dos alunos que participam no DE e nos que integram o projeto UAARE. A presente análise envolveu, portanto, a comparação das médias das classificações atribuídas aos alunos com as classificações médias de ano e ciclo de escolaridade, considerando as classificações atribuídas no final do ano letivo.

4. METODOLOGIA

O presente capítulo visa apresentar e descrever as opções metodológicas que orientaram o estudo, consideradas fundamentais para alcançar os objetivos propostos e responder ao problema que fundamentou a investigação. Adicionalmente, pretende-se descrever os participantes no estudo, os instrumentos utilizados e os procedimentos adotados para a recolha e o tratamento estatístico dos dados.

Para a realização deste trabalho, considerou-se que todos os alunos que fazem parte da UAARE, bem como os alunos que participam no Desporto Escolar (em pelo menos 2 períodos escolares), são alunos que realizam prática desportiva regular para além da Educação Física. Ciente de que nem todos apresentam o mesmo nível de exigência e de desempenho, mas garante-se que os alunos em estudo tiveram uma prática desportiva regular ao longo do ano letivo, para além das aulas de Educação Física.

Este relatório de projeto decorreu assim de setembro de 2022 a janeiro de 2025, tendo-se distinguido três fases: preparação/contactos iniciais, recolha e análise de dados. A análise realizada foi quantitativa, tendo sido utilizada estatística descritiva.

O estudo foi conduzido numa escola da Região Centro e os critérios de inclusão estabeleceram-se com base na participação em, pelo menos, dois períodos nos diferentes grupos de equipa do desporto escolar e na participação no projeto UAARE no ano letivo de 2022/2023. Todos os participantes eram estudantes do ensino básico e secundário regular.

A amostra do estudo foi composta por 92 alunos do Desporto Escolar e 38 alunos do Projeto UAARE, totalizando 130 participantes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Os resultados foram contrastados com os obtidos pelos alunos que não participaram em nenhum destes projetos, por turma, anos de escolaridade e ciclo de ensino. A pesquisa foi autorizada pela direção da escola e os dados das avaliações dos alunos foram extraídos da plataforma de gestão escolar (INOVAR), tendo sido assegurada a preservação da sua identidade. A estatística descritiva, apresentada em Tabelas com valores absolutos e relativos, foi feita com base nos dados obtidos.

Procedeu-se igualmente à realização de uma análise nas disciplinas de Matemática e de Português, por se tratar de disciplinas sujeitas a avaliação externa, bem como na disciplina de Educação Física, por se tratar da disciplina onde se realiza prática desportiva.

Os objetivos deste trabalho foram os seguintes:

- 1) Verificar se os alunos que participam no Desporto Escolar apresentam resultados médios superiores ou inferiores, relativamente às turmas, ano e ciclo de escolaridade, no que respeita à média global (todas as disciplinas), disciplinas de Matemática, Português e Educação Física.
- 2) Verificar se os alunos que fazem parte do projeto UAARE apresentam resultados médios superiores ou inferiores relativamente turmas, ano e ciclo de escolaridade, no que respeita à média global (todas as disciplinas) e disciplinas de Matemática, Português e Educação Física.
- 3) Verificar se a percentagem de negativas dos alunos do Desporto Escolar é superior ou inferior, relativamente turmas, ano e ciclo de escolaridade.
- 4) Verificar se a percentagem de negativas dos alunos que participam no projeto UAARE é superior ou inferior, relativamente a turmas, ano e ciclo de escolaridade.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Conforme anteriormente referido, a correlação entre a prática de exercício físico e o desempenho académico tem suscitado interesse, dada a sua importância no desenvolvimento integral dos estudantes. O presente estudo visa não só apresentar as médias académicas de diferentes turmas, anos e ciclos, como também as médias obtidas nas disciplinas de Educação Física, Matemática e Português.

A avaliação dos dados obtidos permitirá determinar se a participação nos grupos de equipa de Desporto Escolar e no projeto UAARE, se relaciona (positiva ou negativamente) com o sucesso escolar. Posteriormente, os resultados poderão contribuir para o desenvolvimento de políticas educativas e para a promoção de estilos de vida saudáveis.

Neste capítulo, são apresentados os dados recolhidos no estudo, que servirão de base para a análise e discussão dos resultados. A estruturação dos dados foi realizada de forma a garantir clareza e objetividade, com base em tabelas e respetivas análises, realçando os aspetos mais relevantes para a consecução dos objetivos propostos.

5.1. ALUNOS DO 3.º CICLO: COMPARAÇÃO DE RESULTADOS ACADÉMICOS DE ALUNOS DO DESPORTO ESCOLAR COM RESTANTES ALUNOS

Neste subponto apresentamos os dados relativos ao 3.º Ciclo, nomeadamente a análise descritiva das médias dos resultados escolares dos alunos que fazem parte do desporto escolar com os restantes alunos. Na Tabela 3 podemos observar os resultados de todos os alunos das turmas.

Tabela 3 - Média global de todas as disciplinas 3.º Ciclo

Ano/Turma	7.º A	7.º B	7.º C	7.º D	7.º E	7.º Ano
Média	3,71	3,62	3,64	3,55	3,49	3,60
Ano/Turma	8.º A	8.º B	8.º C	8.º D		8.º Ano
Média	3,82	3,51	3,47	3,49		3,59
Ano/Turma	9.º A	9.º B	9.º C	9.º D	9.º E	9.º Ano
Média	4,04	3,25	3,52	3,60	3,35	3,57
3.º Ciclo						3,586

A análise da Tabela 3 permite retirar as conclusões que as turmas A, apresentam resultados superiores, ao nível de ano de escolaridade. As médias por turma são, respetivamente, 3,60 para o 7.º ano, 3,59 para o 8.º ano e 3,57 para o 9.º ano. Desta forma, a média de ciclo de todas as disciplinas é de 3,586.

A Tabela 4 apresenta dados que permitem analisar a distribuição das avaliações dos alunos em Educação Física, Matemática e Português no 3.º Ciclo.

Tabela 4 - Totais quantitativos e médias das avaliações dos alunos 3.º Ciclo nas disciplinas Educação Física, Português e Matemática

	1	2	3	4	5	Média	Média Ciclo
Mat. 7.º Ano	0	38	41	29	4	2,99	2,92
Mat. 8.º Ano	0	38	28	12	4	2,78	
Mat. 9.º Ano	0	44	44	21	11	2,99	
Port. 7.º Ano	2	8	53	47	1	3,33	3,38
Port. 8.º Ano	0	1	46	23	9	3,51	
Port. 9.º Ano	0	9	64	33	5	3,31	
E. F. 7.º Ano	0	1	41	60	7	3,67	3,77
E. F. 8.º Ano	0	0	20	39	15	3,93	
E. F. 9.º Ano	0	0	45	51	13	3,71	
Total	2	139	382	315	69		
%	0,22	15,3	42,1	34,7	7,61		

De acordo com os dados apresentados na Tabela 4, a disciplina de Matemática apresenta os piores desempenhos, com predominância de notas 2 e 3, embora se verifique uma ligeira melhoria no 9.º ano. A disciplina de Português comparativamente às outras, apresenta resultados intermédios, com maior concentração de níveis 3 e 4, por outro lado a disciplina de Educação Física obtém os melhores resultados, com a maioria dos alunos a alcançar as notas 4 e 5. No geral, 42,12% dos alunos obtiveram a nível 3, 34,73% nível 4 e apenas 7,61% nível 5.

É de salientar ainda que a Educação Física é a disciplina com a média mais elevada nos três anos, seguida da disciplina de Português e, por fim, da disciplina de Matemática. Saliente-se ainda o elevado número total de alunos com nível inferior a 3, na disciplina em Matemática 120, sendo que o número total de alunos com nível 1 e 2, a uma destas três disciplinas é de 141.

No domínio da Matemática, foi observada uma queda no desempenho no 8.º ano, com uma média de ciclo de 2,9. Em relação à disciplina de Português, a média do ciclo foi 3,38, com um pico no 8.º ano, mas uma ligeira queda no 9.º ano. Por sua vez, na Educação Física, a média do ciclo foi 3,77, tendo oscilado moderadamente nos resultados do 7.º e 9.º ano e mais acentuadamente no 8.º ano.

Em suma, as médias de Matemática são consistentemente mais baixas em comparação com as de Educação Física e de Português, com a maior variação observada no 8.º ano. A análise das médias do ciclo indica que as variações nas classificações de cada disciplina tendem a ser reduzidas e que as médias do ciclo são frequentemente mais elevadas do que as médias individuais de algumas disciplinas, como a de Português e a de Educação Física.

Na Tabela 5 apresentam-se dados referentes à avaliação dos alunos que participam no Desporto Escolar, como as médias globais por turma e ano escolar, a média geral do 3.º Ciclo e as médias referentes às disciplinas em estudo.

Tabela 5 - Médias dos alunos que participam no Desporto Escolar (DE) e restantes alunos – 3.º Ciclo

Média	DE Global	Global	DE Mat.	Global Mat.	DE Port.	Global Port	DE EF	Global EF
7.º A	3,55	3,71	2,80	2,99	3,40	3,33	4,00	3,67
7.º B	4,14	3,62	3,00	2,99	4,00	3,33	4,00	3,67
7.º C	3,44	3,64	2,67	2,99	3,33	3,33	3,67	3,67
7.º D	3,69	3,55	3,30	2,99	3,20	3,33	4,00	3,67
7.º Ano	3,71	3,60	2,94	2,99	3,48	3,51	3,92	3,67
8.º A	3,43	3,82	3,00	2,78	2,50	3,51	4,00	3,93
8.º B	3,44	3,51	3,00	2,78	3,00	3,51	4,50	3,93
8.º C	4,15	3,47	4,00	2,78	3,33	3,51	4,67	3,93
8.º D	3,37	3,49	2,50	2,78	3,33	3,51	3,33	3,93
8.º Ano	3,6	3,59	3,13	2,78	3,04	3,51	4,13	3,93
9.º A	4,54	4,04	4,25	2,99	4,25	3,31	5,00	3,71
9.º B	3,45	3,25	2,78	2,99	2,89	3,31	3,89	3,71
9.º C	4,79	3,52	5,00	2,99	4,00	3,31	5,00	3,71
9.º D	3,96	3,60	4,50	2,99	3,50	3,31	4,00	3,71
9.º Ano	4,18	3,57	4,13	2,99	3,66	3,31	4,47	3,71
3.ºCiclo	3,83	3,58	3,40	2,92	3,39	3,38	4,17	3,77

Nota: A cinzento onde os resultados são superiores

No 7.º ano de escolaridade, a turma com melhor média é o 7.º B (4,14), enquanto a turma 7.º C obtém a média mais baixa (3,44). A média global do 7.º ano é 3,71, o que significa que está abaixo da média global do ciclo (3,77). Saliente-se que ao nível da disciplina de Matemática, a média dos alunos que participam no Desporto Escolar é baixa (2,94) mas, superior à média de todos os alunos do 3º Ciclo (2,92).

Neste sentido, no 7.º ano, é de realçar a média baixa na disciplina de Matemática, o que pode indicar a necessidade de apoio adicional a esta disciplina para todos os alunos, uma vez que os resultados refletem algumas dificuldades.

No que se refere ao 8.º ano, a média global mais elevada é do 8.º C (4,1), única turma com média superior a 4, enquanto a média mais baixa é da turma 8.º D (3,3). Neste ano de escolaridade, a média global é de 3,6, a mais baixa dos três anos, o que sugere que o 8.º ano pode ser o mais difícil para os alunos ou o ano em que é mais necessária a intervenção pedagógica.

No 9.º ano, a melhor média global é a da turma C (4,7), sendo que a média mais baixa é da turma 9.º B (3,4), ainda assim é superior à menor média global do 9.º ano (3,5). A média global dos alunos de 9.º ano que participam no DE é de 4,18, o que reflete um desempenho médio global a superar a média global do ciclo (3,83), que pode indicar um nível de eficácia grande das medidas/ estratégias implementadas no final de ciclo.

Em relação aos alunos que frequentam o DE, a média global do 3.º Ciclo é de 3,8, sendo 3,4 na disciplina de Matemática, 3,3 em Português e 4,1 em Educação Física. Por outro lado, as médias de ciclo (todos os alunos da escola) destas disciplinas são 2,92 para a Matemática, 3,3 para o Português e 3,77 para a Educação Física. Verifica-se assim que as médias do 3.º Ciclo dos alunos que participam no DE são superiores às dos restantes alunos.

No 7.º ano, a média global dos alunos que participam no DE é de 3,7, enquanto a média de todos os alunos é de 3,6. No 8.º ano, a média global é de 3,60. No 8.º ano, a média dos alunos que participam no DE é de 3,60, enquanto a média de todos os alunos do mesmo ano de escolaridade é de 3,5. No 9.º ano, a média dos alunos que participam no DE é de 4,18, enquanto a média de todos os alunos é de 3,57.

A média global dos alunos que participam no Desporto Escolar é de 3,83, enquanto a média global de todos os alunos do ciclo é de 3,58. Conclui-se, portanto, que a média global dos alunos inscritos no Desporto Escolar atinge valores superiores, à exceção da disciplina de Matemática no 7.º ano e de Português no 8.º ano.

A análise da Figura 1, demonstra o aumento da média global do 8.º ano para o 9.º ano, refletindo um bom desempenho geral neste último ano e superando a média do 3.º Ciclo

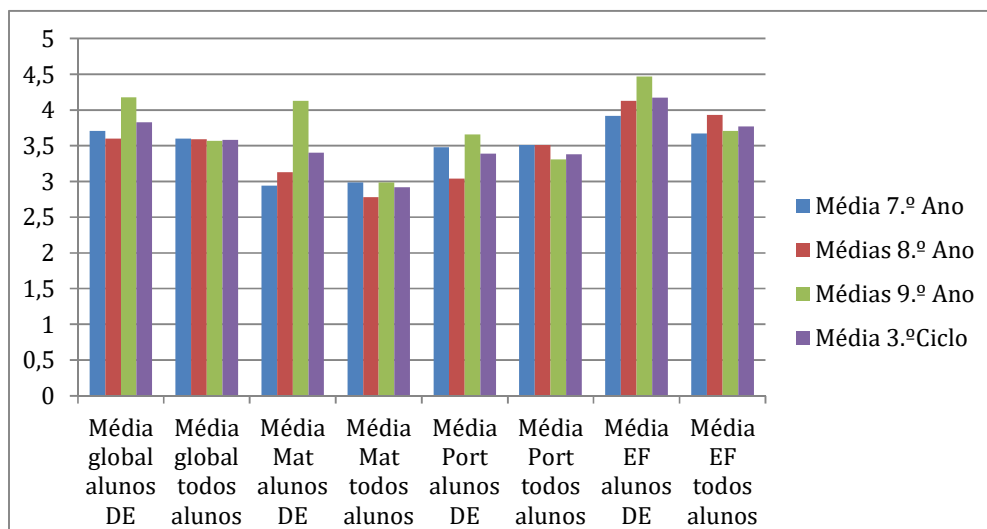


Figura 1 - Médias globais e por disciplina.

Ao longo dos 3 anos do 3.º Ciclo, verifica-se uma melhoria significativa na disciplina de Matemática, com a média mais elevada no 9.º ano. Esta evolução representa um aumento considerável em relação ao 7.º ano e ao 8.º ano indicando um avanço substancial nesta disciplina.

Na disciplina de Português, os alunos do DE, apresentam um decréscimo no 8.º ano, recuperando a média no 9.º ano. A média global do 3.º Ciclo a Português dos alunos do DE, é inferior à do 9.º ano, revelando um melhoria no desempenho no último ano de escolaridade. Por fim, em Educação Física, a média continua a crescer de forma consistente, atingindo o valor mais alto no 9.º ano, superando a média do 3.º Ciclo.

A análise gráfica mostra ainda que, comparativamente a todos os alunos, os alunos que participam no DE só apresentam médias inferiores a Português no 7.º ano e a Matemática no 9.º ano.

Analisando as médias globais, verifica-se que as médias dos alunos do Desporto Escolar e dos restantes alunos são muito próximas, sem uma diferença significativa no 8.º ano. No entanto, os alunos do DE apresentam valores superiores no 7.º, 9.º ano e ao nível de ciclo. É, assim, possível concluir que a prática desportiva no âmbito do Desporto Escolar, 3.º ciclo, não parece comprometer o rendimento escolar global.

A Tabela 6 apresenta a qualidade do sucesso/insucesso dos alunos nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física do 3.º Ciclo.

Tabela 6 - Taxa de insucesso nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física – 3.ºCiclo

	Todos os alunos			Alunos que participam no DE		
	N.º Negativas	N.º Alunos	% Negativas	N.º Negativas	N.º Alunos	% Negativas
Mat. 7.ºAno	38	112	33,9	6	19	31,60
Mat 8.º Ano	38	82	46,3	3	10	30
Mat 9.º Ano	44	120	36,7	2	16	12,50
Port 7.º Ano	10	111	9,0	1	19	5,26
Port 8.º Ano	1	79	1,3	0	10	0
Port 9.º Ano	9	111	8,1	1	16	6,25
E.F. 7.º Ano	1	109	0,9	0	19	0
E.F. 8.º Ano	0	74	0	0	10	0
E.F. 9.ºAno	0	109	0	0	16	0

Nota: A cinzento, onde os resultados são superiores

A Tabela 6 evidencia a taxa de insucesso dos alunos, sendo de destacar na disciplina da Matemática o elevado número de reprovações (negativas) em todos os anos letivos. Assim, o 8.º Ano apresenta a maior taxa de reprovações (46,3%), seguido pelo 9.º Ano (36,7%) e 7.º Ano (33,9%). Entre os alunos que participam no DE, as taxas de insucesso variam de ano para ano, sendo mais altas no sétimo ano (31,6%), oitavo (30%) e nono ano (12,5%).

Em termos de resultados académicos, na disciplina de Português, o número total de reprovações é relativamente baixo, o que indica um bom desempenho dos alunos. O 7.º ano apresenta a maior quantidade de reprovações, com 10 casos, correspondendo a 9,0% do total de alunos. O 9.º Ano apresenta um número semelhante, com 9

reprovações e uma taxa de 8,1%. Em contraste, o 8.º Ano destaca-se positivamente, com apenas um aluno reprovado (1,3%), demonstrando um melhor desempenho nesta fase. Relativamente aos alunos que participam no DE, apenas um aluno do 7.º ano e outro do 9.º Ano não obtiveram sucesso na disciplina. Por outro lado, na disciplina de Educação Física, salientamos apenas um aluno que não obteve avaliação positiva no 7.º Ano. Nos alunos que participam no DE não se verifica qualquer insucesso na Educação Física. Tal como se verifica com a percentagem de avaliações negativas, o número de negativas dos alunos que praticam DE é também inferior em todos os anos e disciplinas incluídos no estudo.

5.2. ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO: COMPARAÇÃO DE RESULTADOS ACADÉMICOS DE ALUNOS DO DESPORTO ESCOLAR COM RESTANTES ALUNOS

Apresentamos de seguida, na Tabela 7, os dados referentes ao ensino secundário, focando a análise nas médias dos resultados escolares dos alunos que participam no Desporto Escolar, comparando-os também com os alunos restantes da turma, do ano e do ciclo.

Tabela 7 - Média global de todas as disciplinas 3.º Ensino Secundário

Turma	10.ºA	10.ºB	10.ºC	10.ºD	10.ºE	10.ºF	10.ºG	10.ºH	10.ºAno
Média	12,79	13,16	13,20	14,19	13,58	13,88	12,44	11,88	13,17
Turma	11.º A	11.ºB	11.ºC	11.ºD	11.ºE	11.ºF	11.ºG	11.ºH	11.ºAno
Média	14,91	14,20	15,29	14,81	14,68	14,74	13,88	14,93	14,69
Turma	12.º A	12.ºB	12.ºC	12.ºD	12.ºE	12.ºF	12.ºG		12.ºAno
Média	15,34	15,21	15,65	17,28	15,77	15,48	14,79		15,80

A análise específica, por ano de escolaridade, diz-nos que no 10.º ano com uma média geral de 13,17, a turma que atingiu maior média foi o 10.º D com 14,19. A turma com a menor média foi o 10.º H com 11,88. No 11.º ano, com uma média geral de 14,69, a turma com a maior média foi o 11.º C (15,29) e a turma com a menor média foi o 11.º G (13,88). No 12.º ano, com uma média geral de 15,80, a turma com maior média foi o 12.º D com 17,28 e a turma com a menor média foi o 12.º G, com 14,79.

Os dados revelam claramente que, à medida que os alunos progredem no ensino secundário, a média global vai aumentando. No 10.º ano é de 13,17, no 11.º ano é de 14,69 e no 12.º ano atinge os 15,80.

Em seguida é apresentado na Tabela 8, as médias por ano e secundário nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física.

Tabela 8 - Totais quantitativos e médias das avaliações dos alunos do Ensino Secundário nas disciplinas Matemática, Português e Educação Física

	Média Ano	Média Ensino Secundário
Mat. 10.ºAno	11,91	12,98
Mat. 11.ºAno	13,55	
Mat. 12.ºAno	13,48	
Port. 10.ºAno	12,47	13,02
Port. 11.ºAno	13,27	
Port. 12.ºAno	13,33	
E. F. 10.º Ano	15,55	16,33
E. F. 11.º Ano	16,68	
E. F. 12.º Ano	16,77	

A disciplina de Matemática tem uma tendência de crescimento ao longo do secundário, embora comece com uma média bastante reduzida, no 10.º ano (11,91). No 11.º ano, a média é de 13,55 e de 13,48 no 12.º. Assim a média geral do ensino secundário desta disciplina é de 12,98.

Igualmente na disciplina de Português evidencia-se uma tendência de aumento ao longo dos anos de escolaridade, embora a média se mantenha moderada. Em concreto, no 10.º ano, a média é de 12,47, no 11.º ano é de 13,27 e no 12.º ano de 13,33. A média geral do ensino secundário na disciplina de Português é de 13,02.

A disciplina de Educação Física apresenta uma tendência de crescimento ao longo dos anos de escolaridade, com uma média de 15,55 no 10.º ano, 16,68 no 11.º ano e 16,77 no 12.º ano. A média geral do ensino secundário é de 16,33.

Na Tabela 9 podemos observar os resultados das médias globais e das disciplinas de Matemática, Português, Educação Física dos alunos do Ensino Secundário, que participam no Desporto Escolar confrontando-as com os restantes alunos.

Tabela 9 - Médias global/disciplina alunos do Desporto Escolar (DE) vs todos os alunos – E. Secundário

Turma	Média DE Global	Média Global	Média DE Mat.	Média Global Mat.	Média DE Port.	Média Global Port.	Média DE E.F.	Média Global E.F.
10.º A	14,11	13,17	16,00	11,91	13,50	12,47	16,00	15,55
10.º B	13,29	13,17	11,50	11,91	11,00	12,47	18,00	15,55
10.º E	15,43	13,17	14,00	11,91	12,00	12,47	19,00	15,55
10.º F	13,14	13,17	9,50	11,91	13,33	12,47	14,00	15,55
10.º G	15,00	13,17	-	-	15,00	12,47	18,00	15,55
10.ºAno	14,19	13,17	12,75	11,91	12,97	12,47	17,00	15,55
11.º A	15,36	14,69	16,50	13,55	14,00	13,27	18,00	16,68
11.º B	16,48	14,69	15,60	13,55	15,60	13,27	17,60	16,68
11.º C	14,14	14,69	13,50	13,55	12,00	13,27	17,00	16,68
11.º D	15,15	14,69	13,00	13,55	14,00	13,27	19,00	17,68
11.º G	13,54	14,69	11,60	13,55	10,40	13,27	18,20	16,68
11.ºAno	14,94	14,69	14,04	13,51	13,20	13,27	17,96	16,68
12.º A	16,27	15,80	15,33	13,48	13,67	13,27	17,67	16,77
12.º B	14,10	15,80	10,00	13,48	11,50	13,27	15,50	16,77
12.º C	15,93	15,80	14,00	13,48	12,33	13,27	18,33	16,77
12.º E	14,40	15,80	11,00	13,48	13,00	13,27	16,00	16,77
12.º F	15,00	15,80	-	-	14,00	13,27	19,00	16,77
12.º G	16,13	15,80	-	-	14,33	13,27	17,33	16,77
12.ºAno	15,31	15,80	12,58	12,98	13,14	13,27	17,31	16,77
Sec.	14,81	14,55	13,12	12,98	13,10	13,02	17,42	16,33

Nota: A cinzento onde os resultados são superiores

Através da análise da Tabela 9, verifica-se a média global do ensino secundário dos alunos do DE foi de 14,81, contra 14,55 de todos os alunos. Todavia, é de realçar que, relativamente às médias de turma no 10.º ano, apenas uma turma apresenta valores superiores às médias globais dos alunos do DE, enquanto no 11.º ano são duas turmas. No que diz respeito ao 12.º ano, verifica-se uma distribuição equitativa de turmas com médias superiores.

A evolução ao longo dos anos demonstra também valores mais elevados nos alunos do DE, no 10.º e 11.º ano: média de 14,19 no 10.º ano, superior à média global de 13,17; e uma média de 14,94 no 11.º ano, também superior à média global que é de 14,69. Em contrapartida, no 12.º ano, os dados invertem, sendo que as médias de todos os alunos são superiores às dos alunos que participam no DE: média de 15,80 contra 15,31.

Na disciplina de Matemática, no 10.º ano é de 12,75, a mais baixa dos três anos de escolaridade das disciplinas em estudo. No 11.º ano, a média é de 14,04, o que representa uma melhoria significativa em relação ao 10.º ano. Por sua vez, no 12.º ano, a média é de 12,58, o que corresponde a um ligeiro decréscimo em relação ao 11.º ano. Assim, a média dos alunos que frequentam o DE, do ensino secundário, em Matemática, é de 13,12, contra 12,98 de todos os alunos

Na disciplina de Português, no 10.º ano a média foi de 12,97, no 11.º ano 13,20 e no 12.º ano com 13,14 de média. Assim, a média dos alunos que frequentam o Desporto Escolar do ensino secundário, em Português, é de 13,10, contra 13,02 de todos os alunos

A média de anos dos alunos do DE é consistentemente superior à média geral: no 10.º ano, 17,00 para os alunos do DE, contra 15,55 para todos os alunos; no 11.º ano, 17,96 contra 16,68; e no 12.º ano, 17,31 contra 16,77. Desta forma, a média dos alunos do ensino secundário que participam no DE é de 17,42, contra 16,33 de todos os alunos.

Em última análise verifica-se que a média da disciplina de Educação Física é a mais elevada em todas as turmas. Estes resultados sugerem que os alunos apresentam mais dificuldades em obter médias elevadas nas disciplinas de Matemática e de Português.

A Figura 2, apresenta a média das classificações obtidas pelos alunos do ensino secundário (10.º, 11.º (10.º, 11.º e 12.º anos) nas médias globais e nas disciplinas de matemática, português e educação física, estabelecendo uma comparação entre os alunos que frequentam o Desporto Escolar (DE) e os restantes.

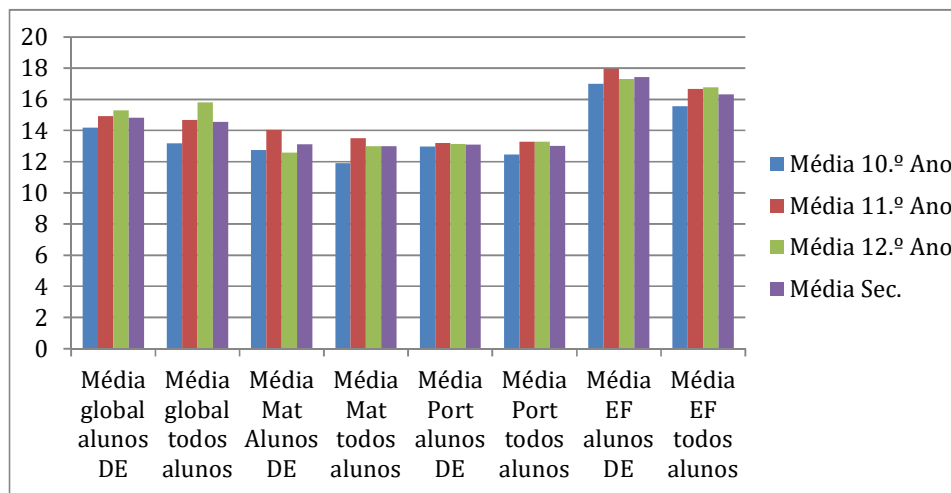


Figura 2 - Médias globais e por disciplina, alunos secundário, que participam no DE

Através da análise da figura verifica-se que a média global dos alunos inscritos no DE é superior, com exceção do 12.º ano. Ao nível das disciplinas em estudo, no 10.º ano, os alunos do DE têm médias superiores nas três disciplinas. No 11.º ano, a média de Português é ligeiramente inferior à média de todos os alunos. No 12.º ano, as disciplinas de Matemática e Português apresentam médias ligeiramente inferiores nos alunos que participam no DE.

Conclui-se, portanto, que a média global dos alunos inscritos no DE atinge valores superiores, ao nível de médias do ensino secundário, com exceção da disciplina de Português no 11.º ano e das disciplinas de Português e Matemática de 12.º ano.

A Tabela 10 apresenta a qualidade do sucesso/insucesso dos alunos nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física do ensino secundário. Os dados apresentados correspondem a percentagens e ao número de avaliações negativas. Com base nesses dados, podemos comparar o desempenho dos alunos que participaram no Desporto Escolar (DE) com o desempenho global dos alunos e das disciplinas em estudo.

Tabela 10 – Taxa de Insucesso nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física – Ensino Secundário

	Todos os alunos			Alunos que participaram no DE		
	N.º Negativas	Nº Alunos	% Negativas	N.º Negativas	Nº Alunos	% Negativas
Mat. 10.º	41	137	29,9	2	9	22,2
Mat. 11.º	14	169	8,3	0	15	0
Mat. 12.º	13	103	12,6	0	13	0
Port. 10.º	16	200	8	0	9	0
Port. 11.º	12	191	6,3	1	15	6,7
Port. 12.º	3	152	1,9	0	13	0
E.F. 10.º	1	186	0,5	0	9	0
E.F. 11.º	0	180	0	0	15	0
E.F. 12.º	0	146	0	0	13	0

Nota: A cinzento onde os resultados são superiores

No ensino secundário e na disciplina de Matemática, verifica-se que no 10.º ano, 29,93% dos alunos obtiveram classificações negativas, enquanto no 11.º ano esse valor foi de 8,28% e no 12.º ano, a percentagem subiu para 12,62%.

Relativamente à disciplina de Português, o desempenho foi mais estável uma vez que no 10.º ano, 8,0% dos alunos não tiveram sucesso, enquanto no 11.º ano esse valor foi de 6,28%, e no 12.º ano 1,97%.

Em relação à disciplina de Educação Física, não se registaram reprovações no 10.º ano (0,53%), nem no 11.º e nem no 12.º ano de escolaridade.

A análise dos dados apresentados na tabela anterior demonstra igualmente que, a taxa de sucesso na disciplina de Educação Física dos alunos DE foi de 100%, enquanto nas restantes duas disciplinas, nomeadamente Matemática no 10.º ano e Português no 11.º ano, observam-se valores de insucesso de 22,22% e 6,67%, respetivamente. Com exceção da disciplina de Português a taxa de insucesso global dos alunos foi superior aos alunos que participam no DE.

5.3. ALUNOS 3.º CICLO: COMPARAÇÃO DE RESULTADOS ACADÉMICOS DOS ALUNOS INTEGRADOS NA UAARE COM RESTANTES ALUNOS

A Tabela 9 apresenta dados que diferenciam as médias globais de duas turmas dos alunos do 3.º Ciclo que fazem parte do projeto UAARE, apresentando as médias totais das turmas, assim como das disciplinas específicas de Matemática e Português permitindo-nos estabelecer algumas analogias.

Tabela 11 - Médias das avaliações dos alunos UAARE do 3.ºCiclo

	Média Global UAARE	Média Total Turma	Média Ano Escolar	Média Port. UAARE	Média Port. turma	Média Mat UAARE	Média Mat Turma
8.º A	4,73	3,82	3,59	4,80	3,64	4,00	3,19
9.º A	4,44	4,04	3,57	4,00	3,89	4,00	3,46
Média	4,59	3,93	3,58	4,40	3,77	4,00	3,33
Média 3.º Ciclo Escola 3,58				Média Ciclo 3,38		Média Ciclo 2,92	

Nota: A cinzento onde os resultados são superiores

Os dados mostram claramente que, a média global das avaliações dos alunos UAARE das duas turmas do 3.º Ciclo (4,59) é superior ao valor da média total das turmas (3,93), assim como, aos anos de escolaridade (3,5). A maior diferença verifica-se na turma do 8.º A. Nas disciplinas estudadas, Português e Matemática também se verifica um melhor desempenho nos alunos que fazem parte do projeto UAARE comparativamente com os colegas de turma e com as médias de ciclo. Saliente-se ainda que a média Global de Ciclo e das disciplinas de Matemática e português nos alunos UAARE é claramente Superior.

A Tabela 12 apresenta o insucesso dos alunos nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física do ensino secundário. Os dados apresentados correspondem a percentagens e ao número de avaliações negativas.

**Tabela 12 – Insucesso nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física
– Alunos UAARE 3.ºCiclo**

	Todos os alunos			Alunos UAARE		
	N.º Negativas	Nº Alunos	% Negativas	N.º Negativas	Nº Alunos	% Negativas
Mat. 7.º	38	112	33,9	*	*	*
Mat. 8.º	38	82	46,3	0	6	0
Mat. 9.º	44	120	36,7	0	3	0
Port. 7.º	10	111	9,0	*	*	*
Port. 8.º	1	79	1,3	0	6	0
Port. 9.º	9	111	8,1	0	3	0
E.F. 7.º	1	109	0,9	*	*	*
E.F. 8.º	0	74	0	*	*	*
E.F. 9.º	0	109	0	*	*	*

Nota: * sem alunos inscritos

Após a análise da Tabela 12, é possível salientar que nas disciplinas de Português e de Matemática a taxa de sucesso dos alunos que fazem parte do projeto UAARE foi de 100%. Note-se que, tratando-se de alunos inscritos no ensino articulado, não frequentam a disciplina de Educação Física.

5.4. ALUNOS ENSINO SECUNDÁRIO: COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS ACADÉMICOS DOS ALUNOS INTEGRADOS NA UAARE COM RESTANTES ALUNOS

A Tabela 13 apresenta dados relativos aos alunos que participam no Projeto UAARE, distribuídos por 8 turmas do Ensino Secundário, comparando o desempenho desses alunos com as médias gerais da turma, do ano escolar e das disciplinas específicas de Português e Matemática.

Tabela 13 - Médias dos alunos que integram projeto UAARE

	Média Global UAARE	Média Total Turma	Média Ano Escolar	Média Port. UAARE	Média Port. Turma	Média Mat. UAARE	Média Mat. Turma
10.º A	16,70	13,58	13,17	13,67	11,40	15,00	11,29
10.º C	15,71	13,20	13,17	15,00	14,14	15,50	15,67
10.º D	14,38	14,19	13,17	15,00	13,42	15,00	12,46
10.º Ano	15,59	-	13,17	14,55	12,47	15,16	11,91
11.º A	14,38	14,91	14,69	14	14	13,00	14,81
11.º C	16,25	15,29	14,69	16,30	12,27	16,50	16,00
11.º H	16,37	14,93	14,69	12,5	12,96	17,50	18,00
11.º Ano	15,66	-	14,69	14,26	13,27	15,66	13,51
12.º C	14,40	15,65	15,80	12,00	12,95	11,00	13,81
12.º D	18,06	17,28	15,80	15,10	15,38	17,90	17,95
12.º Ano	16,23	-	15,80	13,55	13,27	14,45	12,98
Sec.	15,78	14,88	14,40	14,20	13,32	15,18	15,00

Nota: a Bold e cinzento onde os resultados são superiores

Relativamente às médias globais, os alunos da UAARE apresentam uma média global superior, em quase todas as turmas. Tal confirma o exposto anteriormente, uma vez que as médias do Ensino Secundário são superiores nos alunos da UAARE comparativamente com os restantes alunos.

A média global dos alunos do secundário da UAARE (15,78) é superior à média da turma (14,88) e à média do ano escolar (14,40). Em Português a média dos alunos

UAARE é de 14,20, enquanto a da turma atinge 13,32. Em Matemática verifica-se o mesmo, 15,18 para os alunos UAARE e 15,00 para a turma. Salienta-se que, apesar da média das disciplinas de Português e Matemática no ensino secundário, ser superior nos alunos da UAARE, em algumas turmas essa tendência não se verifica. De facto, em duas turmas de Português, a média de turma é superior, enquanto, na disciplina de Matemática, essa superioridade é observada em quatro turmas.

A Tabela 14 expõe o insucesso dos discentes nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física do ensino secundário. Os dados apresentados correspondem a percentagens e ao número de avaliações negativas.

Tabela 14 – Taxa de Insucesso nas disciplinas de Matemática, Português e Educação Física – Ensino Secundário UAARE

	Todos os alunos			Alunos UAARE		
	N.º Negativas	N.º alunos	% Negativas	N.º Negativas	N.º alunos	% Negativas
Mat. 10	41	137	29,92	0	7	0
Mat. 11	14	169	8,28	0	9	0
Mat. 12	13	103	12,62	0	11	0
Port. 10	16	200	8	0	7	0
Port. 11	12	191	6,28	0	9	0
Port. 12	3	152	1,97	0	11	0
E.F. 10	1	186	0,53	*	*	*
E.F. 11	0	180	0	*	*	*
E.F. 12	0	146	0	*	*	*

Nota: A cinzento onde os resultados são superiores / * sem alunos inscritos

Relativamente à taxa de insucesso, é pertinente destacar que não se registaram avaliações negativas, nas disciplinas de Matemática e Português, em alunos inscritos na UAARE. Posteriormente são apresentadas as Figuras 3 e 4, que estabelecem uma comparação entre os resultados obtidos pelos alunos da UAARE / Desporto Escolar, por todos os alunos do 3.º Ciclo e ensino secundário, relativamente às médias globais e por disciplina.

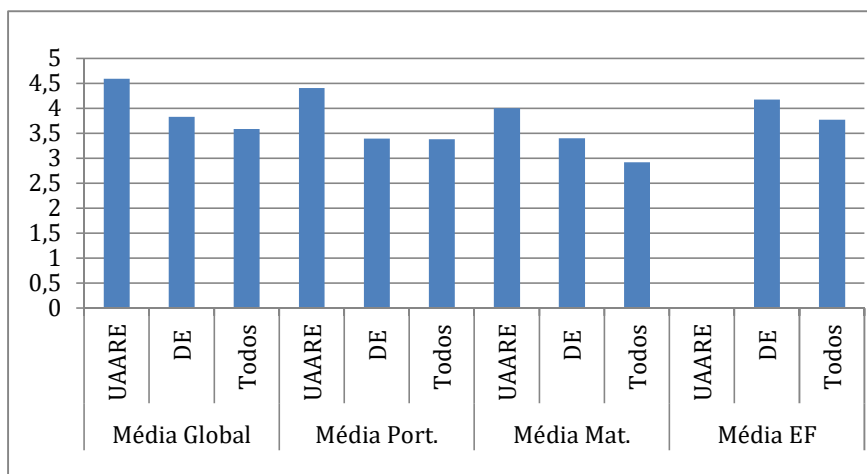


Figura 3 - Comparação das médias globais, Matemática, Português e Educação Física - 3.º Ciclo

Os dados apresentados na Figura 3 demonstram o desempenho académico dos alunos da UAARE e do DE, superiores quer na média global quer nas disciplinas de Português, Matemática. Em Educação Física não existem alunos inscritos. É de salientar que as médias da UAARE são também superior às médias dos alunos do DE.

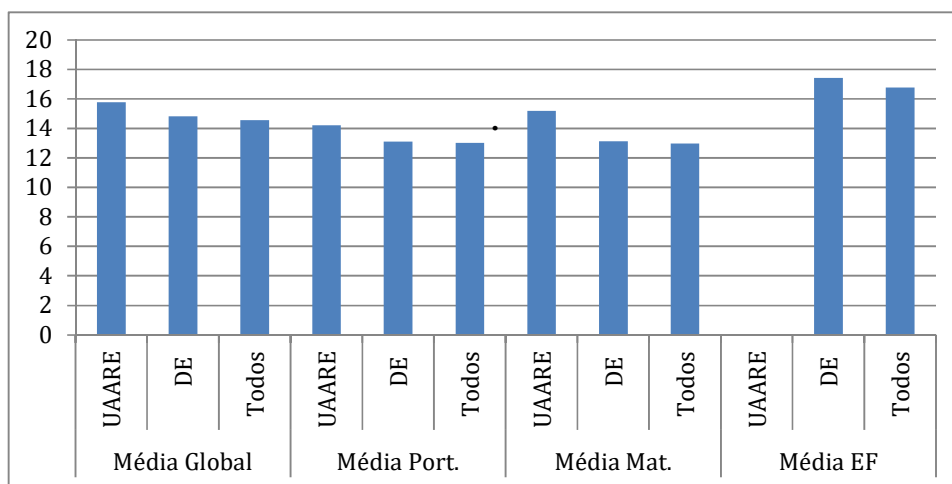


Figura 4 - Comparação das médias globais, Matemática, Português e Educação Física - Ensino Secundário

Os resultados apresentados na Figura 4 demonstram também que o desempenho académico dos alunos da UAARE e do DE, no ensino Secundário também são superiores.

Em suma, os dados analisados, tanto no 3.º Ciclo, como no Ensino Secundário, evidenciam que os alunos do programa UAARE exibem um desempenho consistentemente superior ao dos alunos do Desporto Escolar e à média geral dos alunos.

Estas conclusões estão em consonância com os estudos de Kamijo et al. (2011) e Banos et al. (2018), que demonstram uma relação positiva entre a eficiência cardiorrespiratória e o desempenho académico. Adicionalmente, os estudos de meta-análise de Bueno et al. (2017) e de Barbosa et al. (2020) demonstram que a atividade física teve efeitos insignificantes ou positivos moderados, mas que a prática regular mostrou um efeito positivo médio. Valledos et al. (2022) reforçam essa associação, demonstrando que os adolescentes que praticam desporto regularmente apresentam médias escolares superiores em comparação com aqueles que não praticam.

Em termos de nível do ciclo de ensino, as conclusões do presente estudo corroboram os estudos de Fox et al. (2008), que observaram que, no ensino secundário, os alunos que integraram equipas desportivas obtiveram médias escolares significativamente mais elevadas. Em Portugal, Batista et al. (2016) concluíram, no âmbito de um estudo com alunos do 3.º Ciclo, que os estudantes que praticavam atividade física durante um maior número de horas por semana apresentavam um desempenho académico superior.

Uma vez que os estudos analisados demonstram que a prática de exercício físico não compromete o desempenho académico, sendo que, ao nível de ciclo e ano, os resultados deste trabalho são claros, e apontam que as médias são superiores nos alunos do Desporto Escolar e UAARE.

Desta forma e considerando os baixos níveis de atividade física dos jovens portugueses, as orientações da OMS e seu o respetivo plano de ação até 2030, o diretor, na sua qualidade de principal responsável pela gestão da escola, deve criar condições que promovam o sucesso educativo e também a prática desportiva regular.

6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO E DOS RESULTADOS

Apesar da importância dos resultados obtidos, o estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos dados e na generalização das conclusões, podendo ter contribuído para a variabilidade dos resultados. As limitações em questão são as seguintes:

- Escassez de literatura sobre os resultados acadêmicos e a sua eventual relação com a prática desportiva dos alunos UAARE que participam no DE.
- O estudo decorreu no espaço de um ano letivo, um período que se revela insuficiente para detetar variações a longo prazo, sem considerar o impacto da prática desportiva no desempenho académico dos alunos.
- Exigências desportivas diferenciadas, a carga horária dedicada ao treino e influência de fatores externos ao contexto educativo, como a possível prática desportiva federada ou outra, são outros aspetos a ter em conta.
- A heterogeneidade dos alunos, uma vez que apresentam diferentes capacidades individuais, tanto ao nível do desempenho motor, como do rendimento académico, bem como a motivação, o acesso a recursos de apoio escolar e a conciliação entre o estudo/prática desportiva.
- A existência de professores diferentes e respetivas metodologias de ensino, assim como alguns alunos UAARE estarem inseridos no ensino articulado.
- Diferentes disciplinas, exigências académicas e critérios de avaliação também podem ter contribuído para a distorção de dados.

Por fim, é importante dizer que o estudo é descritivo e não inferencial, baseando-se em dados recolhidos num contexto específico, referente ao projeto UAARE e Desporto Escolar. Assim, os resultados não podem ser generalizados para outros contextos educativos e desportivos, porque diferentes políticas de apoio ao aluno-atleta, condições

de treino e estruturas curriculares podem influenciar a relação entre a prática desportiva e os resultados académicos.

7. CONCLUSÕES

A compreensão da liderança enquanto fator de mudança, de melhoria e desenvolvimento das aprendizagens mostra-se progressivamente determinante. Neste sentido, um dos principais desafios enfrentados pelos líderes escolares, consiste em promover uma mudança de paradigma, que implica uma transformação significativa na forma de pensar, planejar, agir e interagir. Em conformidade com o estudo realizado, são assim apresentadas as conclusões deste estudo, de acordo com os objetivos propostos.

Objetivo 1 - Verificar se os alunos que participam no Desporto Escolar apresentam resultados médios superiores ou inferiores, relativamente às turmas, ano e ciclo de escolaridade, no que respeita à média global (todas as disciplinas), disciplinas de Matemática, Português e Educação Física.

Média global (todas as disciplinas)

3.º Ciclo

Turmas – Relativamente às turmas, (4 por ano) conclui-se que as médias dos alunos do Desporto Escolar são superiores: no 9.º ano em todas as turmas, no 8.º ano numa turma e no 7.º ano em 2 turmas.

Ano – Nos três anos deste 3.º Ciclo, as médias globais dos alunos que participam no DE são sempre superiores à média de todos os alunos

Ciclo - A média global dos alunos do 3.º Ciclo que participam no DE é superior à média de todos os alunos do ciclo é de 3,58.

Ensino Secundário

Turmas – Neste nível de ensino com 16 turmas estudadas, em 10 delas os alunos do Desporto Escolar apresentam médias globais superiores.

Ano - No que diz respeito ao 10.º e 11.º ano de escolaridade, as médias dos alunos que participam no Desporto Escolar são superiores aos restantes e o contrário acontece no 12.º ano

Ciclo - No ensino secundário, verifica-se que a média global do Desporto Escolar é superior à média geral dos alunos.

Média de Matemática, Português, e Educação Física

3.º Ciclo

Turmas - Em relação às disciplinas em estudo, conclui-se que: - Na disciplina de Matemática, em 12 turmas, apenas em quatro delas, a média da turma foi superior à média dos alunos que participaram no DE; - Na disciplina de Português em metade das turmas, as médias dos alunos do DE foram superiores às médias da turma.- Na disciplina de Educação Física, em 12 turmas, apenas uma registou uma média de turma superior à dos alunos que participam no DE.

Ano- A média global dos alunos inscritos no Desporto Escolar apresentou valores superiores em todas as disciplinas/ano, com exceção da disciplina de Matemática no 7.º ano e de Português no 8.º ano.

Ciclo - A média global dos alunos inscritos no Desporto Escolar apresentou valores superiores em todas as disciplinas neste ciclo de ensino.

Ensino Secundário

Turmas - Relativamente às disciplinas em estudo, conclui-se que: na Matemática, em 13 turmas, apenas em 5 a média da turma foi superior à média dos alunos do DE; - Na disciplina de Português, em 16 turmas, as médias dos alunos do DE, em nove, foram superiores às médias da turma; - Por sua vez, na disciplina de Educação Física, em 16 turmas, apenas 3 registaram uma média de turma superior aos alunos do DE.

Ano - No Ensino Secundário, é de realçar que a média global dos alunos inscritos no Desporto Escolar apresenta valores superiores às das suas turmas, com a exceção de: Português no 11.º ano e 12.º ano; e de Matemática no 12.º ano.

Ciclo - A média global dos alunos inscritos no Desporto Escolar apresentou valores superiores em todas as disciplinas neste ciclo de ensino.

Objetivo 2 - Verificar se os alunos que fazem parte do Projeto UAARE apresentam resultados médios superiores ou inferiores, relativamente às turmas, ano e ciclo de escolaridade, no que respeita à média global (todas as disciplinas) e disciplinas de Matemática, Português e Educação Física.

Média global (todas as disciplinas)

3.º Ciclo

Turma – Para o 3.º Ciclo observou-se que as médias dos alunos UAARE foram superiores às médias das turmas em todas as turmas.

Ano – Em termos de ano, constatou-se que as médias dos alunos UAARE foram superiores às médias do ano letivo.

Ciclo – Constatou-se também que para este ciclo, os dados obtidos permitem concluir de forma clara que a média global UAARE é superior à média de todos os alunos.

Secundário

Turma – Verificou-se que os alunos da UAARE apresentam uma média global superior, em todas as turmas com exceção de 2.

Ano – Verificou-se que a média dos alunos da UAARE foi superior à média do respetivo ano de escolaridade.

Ciclo – Verificou-se que a média global dos alunos do ensino secundário da UAARE foi superior à média global.

Média a Português e Matemática

3º. Ciclo

Verificou-se que os alunos da UAARE apresentam uma média global superior, nestas duas disciplinas, em todas as turmas, ano e ciclo de ensino

Secundário

Turma – Verificou-se que na disciplina de Matemática, nas oito turmas apenas em 3 os alunos UAARE tiveram médias superiores e na disciplina de Português, em três, os alunos da turma tiveram melhores médias.

Ano – Verificou-se que os alunos UAARE apresentam médias anuais superiores às médias da escola, nas mesmas disciplinas.

Ciclo – Verificou-se que a média global dos alunos da UAARE teve valores superiores em todas as disciplinas.

Objetivo 3 - Verificar se a percentagem de negativas dos alunos do Desporto Escolar é superior ou inferior, relativamente às suas turmas, ano e ciclo de escolaridade.

3º. Ciclo

- Verificou-se que a percentagem de alunos que frequentam o DE, com negativas é consistentemente inferior à dos restantes alunos, em todos os anos e em todas as disciplinas.

Secundário

- No que se refere ao ensino secundário, verificou-se a mesma situação, com a única exceção da disciplina de Português do 11.º ano, em que um aluno do DE não obteve sucesso e a sua percentagem de negativas foi superior à dos restantes alunos do mesmo ano de escolaridade.

Objetivo 4 - Verificar se a percentagem de negativas dos alunos que participam no projeto UAARE é superior ou inferior, relativamente às suas turmas, ano e ciclo de escolaridade

- Nas disciplinas de Português e Matemática, verificou-se também um melhor desempenho nos alunos UAARE, em todos os parâmetros (turmas, ano e ciclo)

Em conformidade com os objetivos delineados para o presente estudo, **foi possível concluir que os alunos que participam no DE e na UAARE apresentam uma relação positiva, nomeadamente nos resultados académicos do ano e do ciclo escolar.**

7. SUGESTÕES

Face às conclusões do ponto anterior e no sentido de se reforçar a importância da promoção da AF no contexto escolar, cabe ao diretor de uma escola criar condições para fomentar a prática do Desporto Escolar, bem como aumentar o número de alunos UAARE.

Em seguida são elencadas algumas sugestões a considerar pela gestão escolar, tanto para o DE, como para o projeto UAARE, projetos estes essenciais para a promoção da prática desportiva nos adolescentes.

Desporto Escolar:

O diretor de uma escola juntamente com a sua equipa, deve criar condições ideais para a participação dos alunos nos diversos grupos de equipa do Desporto Escolar, seguindo as diretrizes estabelecidas no Regulamento Geral de Funcionamento do Desporto Escolar (RGFDE) para o ano letivo 2024/2025, a saber:

- Em primeiro lugar, será necessário proceder à organização e planeamento, que implica a elaboração do Plano do Clube do Desporto Escolar (PCDE), com a definição clara dos grupos de equipa e das atividades a desenvolver;
- Assegurar que as infra-estruturas sejam adequadas à prática desportiva, para treinos e competições;
- A organização dos horários de aulas, treinos e competições deve ser feita de forma a evitar conflitos, permitindo que alunos e professores participem ativamente nas atividades do Desporto Escolar.
- Aos recursos humanos, permitir a afetação de componentes letivas e não letivas seguindo o estipulado nos normativos, garantindo tempo suficiente para os treinos, preparação e acompanhamento dos alunos, de modo a garantir o plano de atividades.
- Incentivar a inclusão de alunos de diferentes géneros, idades e habilidades, garantindo igualdade de oportunidades na prática desportiva. Para tal, os horários de treino devem ser organizados de modo a garantir a participação do maior número possível de alunos.

- A divulgação das atividades desportivas deve ser efetuada com antecedência pelos professores responsáveis e coordenação, de modo a permitir uma gestão mais eficiente dos momentos de avaliação;
- Fomento da participação ativa dos Encarregados de Educação e demais elementos da comunidade, nas atividades do DE, com o objetivo de fortalecer o apoio e a valorização do projeto;
- Possibilidade de criação, em horário compatível, de aulas de apoio para os alunos que frequentam o DE, nas disciplinas de Português e Matemática, nomeadamente nos 8º e 12º anos de escolaridade;
- É importante que o Centro Atendimento ao Aluno (CAA) funcione em pleno, assegurando a disponibilidade de horários, flexibilidade e professores de diferentes grupos disciplinares. Estes elementos são fundamentais para garantir o apoio aos alunos fora da sala de aula.

A implementação destas recomendações alinhadas com o RGFDE 2024/2025 por parte do Órgão de Gestão, contribuirá para a criação de um ambiente escolar que valoriza e promove a prática desportiva, beneficiando o desenvolvimento integral dos alunos.

UAARE

A participação do Diretor da Escola é crucial para o sucesso do projeto UAARE, devendo atuar como o principal promotor para que a escola reconheça a sua importância. Sugere-se que para o projeto UAARE consiga funcionar em pleno, permitindo a prática desportiva de alta competição e o sucesso académico, que se considerem as seguintes medidas:

- No início do ano letivo, é imperativo reunir com associações, identificar potenciais alunos para integrar o projeto, auscultar as preferências de horários dos alunos e agrupar os alunos por turma.
- A existência de um corpo docente com um perfil apropriado para a sala de aula SEAM, bem como de Diretor de Turma (DT) com experiência e vocação para compreender este projeto, é imperativo para o sucesso do mesmo. A obtenção de mais

crédito junto da coordenação nacional requer a elaboração de relatórios detalhados, pelo que se torna imprescindível dispor de professores com o perfil adequado.

- É imperativo que a sala SEAM disponha de uma maior flexibilidade de horário. Em caso de existência de planos pedagógicos individuais de conciliação, estes terão um papel crucial, caso surjam alunos com treinos no horário letivo.

- A designação de um docente (componente não letiva) de apoio nos Conselhos de Turma (CT) e até ao professor acompanhante, onde se encontrem alunos pertencentes à UAARE, deve ser considerada, com o objetivo de estabelecer uma ligação entre o CT, o professor acompanhante, a psicóloga e a SEAM, criando uma plataforma de comunicação entre docentes.

- É imperativo que o Centro de Apoio à Aprendizagem (CAA) opere de forma eficaz, garantindo a disponibilidade de horários, flexibilidade e a presença de professores de diferentes áreas disciplinares. Estes elementos são fundamentais para garantir o apoio aos alunos fora da sala de aula.

Em suma, o horário dos docentes da sala SEAM deve apresentar flexibilidade, de modo a permitir a gestão das ausências dos docentes. Adicionalmente, é imperativo tirar partido dos recursos do CAA. No caso de os alunos faltarem para participar em competições ou treinos, é essencial garantir tempo para a recuperação das aprendizagens (apoios) e reagendar as avaliações, se necessário.

O papel do diretor da escola pública é crucial, atuando como um gestor estratégico e facilitador da dupla carreira, garantindo que os alunos-atletas tenham as melhores condições para se desenvolverem sob o ponto de vista desportivo sem prejuízo da sua vida académica. Para além disso, essencial valorizar o desporto como um elemento fundamental na formação dos alunos, promovendo-o ativamente e criando condições para que a escola pública se torne um espaço de excelência desportiva e académica.

BIBLIOGRAFIA

Agostini, M. (2010). *O gestor escolar e as suas ações frente à gestão*. [Monografia de especialização, Unidade Federal Santa Maria]. Repositório Digital da USFM. <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/12135>

Alarcão, I., Tavares, J., & Santiago, R. A. (2000). *Ensino Superior – Sucesso Académico*. Porto Editora

Alaíz, V., & Lagarto, J. (2019). Nos trilhos da Flexibilidade Curricular. O que Vimos, Ouvimos e Refletimos. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 19, 41-46. <https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2019.5292>

Alves, S., Madanelo, O., & Martins, M. (2019). Autonomia e Flexibilidade Curricular: Caminhos e desafios na ação educativa. *Gestão e Desenvolvimento*, 27, 337-362. <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2019.387>

Amorim, A. (2017). Gestor escolar inovador: educação da contemporaneidade. *Revista Lusófona de Educação*, 35 (35), 67-82. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle35.04>

Baños, J. C. E., Casas, A. G., Escribano, L. G., Fernández-Marcote, A. R. E., López, P. T., & Marcos, L. T. (2018). Influencia de la actividad física y la capacidad aeróbica sobre el rendimiento académico en la adolescencia: una revisión bibliográfica. *Journal of Negative and No Positive Results*, 3 (1), 49-64. <https://doi.org/10.19230/jonnpr.1614>

Barbosa, A., Whiting, S., Simmonds, P., Scotini Moreno, R., Mendes, R., & Breda, J. (2020). Atividade física e desempenho académico: uma revisão abrangente. *Revista internacional de pesquisa ambiental e saúde pública*, 17 (16), 5972. <https://doi.org/10.3390/ijerph17165972>

Bass, B. M. (1990). From transitional to transformational leadership: Learning to share the vision. *Organizational Dynamics*, 18 (3), 19-31. [https://doi.org/10.1016/0090-2616\(90\)90061-S](https://doi.org/10.1016/0090-2616(90)90061-S)

Batista, M., Cubo, DS, Honório, S., & Martins, J. (2016). A prática de atividade física relacionada à autoestima e ao desempenho acadêmico em estudantes do ensino fundamental. *Journal of Human Sport and Exercise*, 11(2), 297-310 <https://doi.org/10.14198/jhse.2016.112.03>

Bennis, W., & Nanus, B. (1985). *Leaders: The strategies for taking charge*. Harper & Row, 41.

Bento, A. (2008). Desafios à liderança em contextos de mudança. In A. Mendonça & A. Bento (Org.). *Educação em Tempo de Mudança*, 31-54. Funchal: Grafimadeira.

Bernardes, M. S. (2008). Liderança e modelos de gestão em contexto escolar [Dissertação, Fundação Bissaya Barreto]. Repositório Rcaap <https://hdl.handle.net/10400.26/29017>

Bolívar, A. (1997). Liderazgo, mejora y centros educativos. En A. Medina (coord.): *El liderazgo en educación*, pp. 25-46. Madrid. <https://10.20511/pyr2016.v4n2.123>

Bonez, J. (2019). *Liderança democrática e gestão escolar: prática ou utopia?* Repositório Digital UFFS. Chapecó.

Bueno, A. Celia et al. (2017) O efeito das intervenções de atividade física na cognição e metacognição das crianças: uma revisão sistemática e meta-análise. *Revista da Academia Americana de Psiquiatria Infantil e Adolescente*, 56 (9), 729 – 738 <https://10.1016/j.jaac.2017.06.012>

Bush, T., & Glover, D. (2003). School Leadership: Concepts and Evidence (A review of the literature). *National Colelge for School Leadership*, 213-217 <http://10.0.3.239/978-94-007-2768-7>

Cabral, M. S., Sousa, M. T., & Nascimento, A. F. (2015). Estilos de liderança no contexto da gestão escolar democrática: algumas apreciações. *Revista Signos*, 36 (02), 139-149.

Camargo, E. M., & Añez, C. R. (2020). Diretrizes da OMS para atividade física e comportamento sedentário.

<https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/337001/9789240014886-por.pdf>

Carvalho, A. P., & Monteiro, A. P. (2017). *O impacto das Lideranças na Gestão de Conflitos, entre alunos, na Escola*. [Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Trás Montes e Alto Douro]

Carvalho, M. J. (2012). A liderança na organização escolar: o diretor. *Revisa Práxis Educacional*, 8(13), 193-209.

Chiavenato, I. (2004). *Introdução à Teoria Geral da Administração - 7ª Edição*. Editora Campos.

Conselho da Europa (1995). *The significance of sport for society: Health, socialisation, economy*. Committee for the Development of Sport (CDDS). Holanda

Costa, J. A., & Castanheira, P. (2015). A liderança na gestão das escolas: contributos de análise organizacional. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, 31 (1), 13-44. <https://doi.org/10.21573/vol31n12015.58912>

Delgado, L. (2004). La función de liderazgo de la dirección escolar: Una competencia trnasversal. *Enseñanza*, 22, pp. 193-211.

Direção Geral de Saúde (2016). *Estratégia Nacional para a Promoção da Atividade Física, da Saúde e do Bem-Estar 2016-2025*, DGS.

Dolan, S. L., Garcia S. (2006). *Gestão Por Valores: Um Guia Organizacional para Viver, Estar Vivo e Ter Qualidade de Vida no Mundo Global do Século XXI*: Bio Rumo.

Dumdum, UR, Lowe, KB, & Avolio, BJ (2002). Uma meta-análise de correlatos de liderança transformacional e transaccional de eficácia e satisfação: Uma atualização e extensão. *Em Liderança transformacional e carismática: O caminho à frente, edição de 10º aniversário*, 5, pp. 39-70. Emerald Group Publishing Limited.. <https://doi.org/10.1108/S1479-357120130000005008>

Elmore, R. (2008). Leadership as the practice of improvement. *Improving School Leadership*, 2, 37-67. <https://doi.org/10.1787/9789264039551-4-en>

Eurobarometer (2014). *Sport and physical activity*. Brussels. <https://doi.org/10.2766/151826>

Ferreira, H. S., Martins, J. N., & Santos, L. F. Liderança nas organizações: Revisão Bibliográfica em Periódicos Nacionais. *Ciência Dinâmica - Revista Científica Eletrônica*, 19(1) pp. 27-49. <https://doi.org/10.4322/2176-6509.2022.016>

Fraga, T. M. (2018). *O Impacto da Liderança na Performance Organizacional*. [Tese de Doutoramento, Instituto Politécnico de Coimbra]. <http://hdl.handle.net/10400.26/27830>

Fox, C. K., Barr-Anderson, D., Neumark-Sztainer, D., & Wall, M. (2010). Physical activity and sports team participation: Associations with academic outcomes in middle school and high school students. *Journal of school health*, 80(1), 31-37.

Fullan, M. (2003). *Liderar numa Cultura de Mudança*. Edições ASA.

Garcia, R. (2005). Políticas educativas e sociais no desporto. Congresso do desporto – Um compromisso nacional.

Gonçalves, C. (2002). Dossier desporto escolar: Parte I. *Revista Horizonte*, 17 (102), 1-3.

Hees, L. W., & Pimentel, M. R. (2021). Estudo de Gestão escolar: estilos de liderança e os reflexos no clima organizacional. *Brazilian Journal of Development*, pp. 47810-47819. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n5-266>

Honorato, H. (jul/dez de 2018). A gestão escolar e a liderança do diretor: desafios e oportunidades. *Revista Administração Educacional*, 9 (2) pp. 21-31. <https://doi.org/10.51359/2359-1382.2018.239949>

Hunter, J. (2006). *Como se tornar um líder servidor: Os princípios de liderança de O Monge e o Executivo*. Sexante.

Homen, F.(2006). *Tempo livre, lazer e desporto dos jovens em idade escolar: análise da responsabilidade e do quadro de interação da escola, da autarquia e do clube*. [Tese de Doutoramento] FADEUP.

Inocência, S. (2013). *Estilo(s) Liderança Diretores em Escolas Públicas não agrupadas do ensino secundário da Região do Alentejo*. [Tese de Doutoramento Universidade Aberta].

José Lagarto, V. A. (01 de 01 de 2019). Nos trilhos da flexibilidade curricular. O que vimos, ouvimos e refletimos. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 19, 41-66. <https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2019.5292>

Kamijo, K., Pontifex, M. B., O’Leary, K. C., Scudder, M. R., Wu, C. T., Castelli, D. M., & Hillman, C. H. (2011). The effects of an afterschool physical activity program on working memory in preadolescent children. *Developmental science*, 14 (5), 1046-1058. <https://doi.org/10.1111/j.1467-7687.2011.01054.x>

Kari, J. T., Pehkonen, J., Hutri-Kähönen, N., Raitakari, O. T., & Tammelin, T. H. (2017). Longitudinal associations between physical activity and educational outcomes. *Medicine and science in sports and exercise*, 49(11), 2158. <https://doi.org/10.1249/MSS.0000000000001351>

Lewin, K., Lippitt, R., & White, R. K. (1939). Patterns of aggressive behavior in experimentally created social climates. *Journal of Social Psychology*, 10, 271-301.

Lima, J. Á., & Silva, S. M. (Julho de 2011). Liderança da escola e aprendizagem dos alunos: um estudo de caso numa escola secundária. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 45 (1), 111-142. https://doi.org/10.14195/1647-8614_45-1_7

Lima, L. (1998). *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar*. Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/12031>

- Lück, H. (2009). *Dimensões da gestão escolar e suas competências*. Editora Positivo.
- Moraes, A. G. D. (2017). O ensino dos esportes coletivos nas atividades curriculares desportivas: a questão metodológica e expectativas dos professores e alunos. [Tese de Licenciatura, Universidade Estadual Paulista]
- Matos, B. E. (2011). *Práticas de Liderança do(a) Director(a): Um estudo em Escolas Públicas do Distrito de Coimbra*. [Tese de Doutoramento, Universidade Aberta]. Repositório Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/2016>
- Monteiro, S. (2018). *As Unidades de Apoio ao Alto Rendimento nas Escolas: Análise da sua implementação e gestão em Portugal* – [Tese Mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Repositório Aberto Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/117378>
- Neves, M. D. (2018). *A liderança em contexto educativo em Portugal. Estudo sobre as suas variantes e impacto nos professores*. [Tese de Doutoramento, Universidade do Porto]. Repositório Aberto Universidade do Porto <https://hdl.handle.net/10216/119080>
- Northouse, P. G. (2010). *Leadership, Theory and practice*. Western Michigan University: SAGE Publications.
- Nóvoa, A. (Coord.) (1992). *Para uma análise das instituições escolares*. Dom Quixote.
- Nóvoa, A. (1995). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Nóvoa, A. (2009). *Professores Imagens do futuro presente*. Instituto de Educação Universidade de Lisboa
- Nye, J. (2009). *Liderança e Poder. 1ª Edição*. Lisboa: Editora Gradiva.
- Pereira, H. (2004). *Lideranças nas escolas, comportamentos docentes e desempenho de estudantes- um estudo empírico*. Universidade Aveiro.
- Pires, G. (1992). *Espaços naturais e desportos de aventura. In Actas do Congresso Europeu de Desporto para todos — os espaços e os equipamentos desportivos*.

Federação Internacional Desporto para Todos - CM Oeiras (Vol. 12, No. 13, pp. 223-241).

Pires, G. (1994). Do Jogo ao Desporto, para uma Dimensão Organizacional do Conceito de Desporto – Um Projecto Pentadimensional de Geometria Variável. *Revista Ludens, Vol. 14* (1), 43-60.

Rauch, C.F., & Behling, O. (1984). *Functionalism : Basis for alternate approach to the study of leadership*. Leaders and managers, 45-62. Pergamon.

Rego, A. (1998). *Liderança nas Organizações – teoria e prática*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Robbins, S. P. (2002). *Comportamento organizacional*. São Paulo: Prentice Hall.

Santos, L. C. (2021) Uma proposta de liderança proativa na gestão escolar em Canaã dos Carajás. *Revista Gnosis Carajás, 1* (2).

Rosa, V. (2022). *Saberes em Educação Física e desporto*. Edição do autor. <https://doi.org/10.5281/zenodo.5775273>

Serrão, S. (2021). *Unidades de Apoio ao Alto Rendimento na Escola: conciliar carreira desportiva com educação*. [Relatório de projeto, Instituto Politécnico de Leiria]. Repositório Online IPL. <http://hdl.handle.net/10400.8/6093>

Silva, A. (2021) *Gestão e Liderança nas Escolas Públicas Portuguesas –Revisão sistemática de Literatura*. [Tese Mestrado, Instituto de Estudos Superiores de Fafe]. Repositório Comum Rcapp. <http://hdl.handle.net/10400.26/40387>

Silva, J. M. (2007). *Gestão e liderança nas escolas públicas portuguesas: da revolução à globalização*. In IV Congresso Luso-Brasileiro de Política e Administração da Educação.

Silva, J. M. (2008). *Líderes e lideranças em escolas Portuguesas. Trajetos individuais e impactos organizacionais*. [Tese de Doutoramento, Universidad de Extremadura:

Facultad de Educación. Departamento de Ciencias de la Educación]. Repositório Online IPL. <http://hdl.handle.net/10400.8/163>

Silva, J. M. (2010). *Líderes e Lideranças em Escolas Portuguesas. Protagonistas, práticas e impactos*. Fundação Manuel Leão.

Soares, A. M. (2019). *Apoiar o sucesso académico promovendo a saúde na transição para o ensino superior: breve intervenção no estilo de vida do primeiranista* - [Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Portugal]. Repositório da Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/90626>

Spaniol, A. M. (2010). Liderança escolar: Um desafio da gestão. *Revista Práxis 1*, 45-54

Tyler, W. (1991). *Organización escolar*. Morata.

Vallejo, A. G., & Jiménez, M. A. (2022). Influencia de la Actividad Físico-Deportiva en el rendimiento académico, la autoestima y el autoconcepto de las adolescentes: el caso de la isla de Tenerife. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, 46, 120-128. <https://doi.org/10.47197/retos.v46.93496>

Williams, L., & Wilkins. (2013). *American College Sport Medicine - Guidelines para testes de esforço e prescrição*. EUA

WHO. (2018). *Global Strategy on Diet, Physical Activity and Health*. Acedido em 20 novembro 2024 <http://www.who.int/dietphysicalactivity/pa/en/>

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 43/1989, de 3 fevereiro do Ministério da Educação (1989), Diário da República: Série I, n.º 29/1989. (1989). <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/43-1989-610688>

Decreto-Lei n.º 95/1991, de 26 de fevereiro do Ministério da Educação (1991). Diário da República: Série I-A, n.º 47/1991. (1991).

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/95-484419>

Decreto-Lei n.º 271/2009, de 1 de outubro, da Presidência do Conselho de Ministros, Diário da República: Série I, n.º 191/2009.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/271-2009-490956>

Decreto-Lei n.º 115- A/98, de 4 de maio do Ministério da Educação, Diário da República: 1.º Suplemento, Série I-A, n.º 102/1998.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/115-a-1998-155636>

Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril do Ministério da Educação (1991). Diário da República: Série I, n.º 79/2008. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/75-2008-249866>

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de junho da Presidência do Conselho de Ministros (2018). Diário da República: Série I, n.º 129/2018.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/55-2018-115652962>

Lei n.º 46/1986, de 14 Outubro, da Assembleia da República (1986)., Lei de Bases do Sistema Educativo. Diário da República: Série I, n.º 237/1986 República Portuguesa

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/46-1986-222418>

Lei n.º 172/1991, de 10 Outubro do Ministério da Educação (1991), Diário da República: Série I, n.º 107/1991. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/172-1991-612219>

Despacho conjunto n.º 9386-A/2016, de 21 de junho dos Gabinetes da Secretária de Estado Adjunta e da Educação e dos Secretários de Estado da Educação e da Juventude e do Desporto (2016). Diário da República: Série II, n.º 139/2016. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/despacho/9386-a-2016-75007379>

Despacho conjunto n.º 8932/2017, de 10 de outubro do Gabinete do Secretário de Estado Adjunto e da Saúde. Diário da República, Série II — N.º 195 (2017). <https://files.diariodarepublica.pt/2s/2017/10/195000000/2287822879.pdf>

Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, de 26 de julho, da Direção Geral de Educação. (2017). Ministério da Educação e Ciência https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Portaria n.º 275/2019, de 27 de agosto do Ministério da Educação (2019). Diário da República: Série I, n.º 163/2019. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/275-2019-124220747>

Programa Estratégico do Desporto Escolar 2021-2025 (PEDE), de julho 2021 da Direção Geral de Educação. <https://desportoescolar.dge.medu.pt/sites/default/files/RepositorioDocumentos/2021/programaestrategicode20212025.pdf>

Regulamento Geral de Funcionamento do Desporto Escolar 2023.2024, da Direção Geral de Educação. (2023). <https://desportoescolar.dge.medu.pt/sites/default/files/RepositorioDocumentos/2023/regulamento-geral-de-funcionamento-do-desporto-escolar20232024.pdf>

Resolução da Assembleia da República n.º 94/2013, de 8 de julho da Assembleia da República (2013). Diário da República: Série I, n.º 129/2013. (2013). <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/resolucao-assembleia-republica/94-2013-497592>

ANEXOS

Anexo 1

Pedido autorização

Exma. Sra. Diretora da Escola XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Assunto: Pedido de autorização para realização de investigação

Leiria, 13 de novembro de 2024

Eu, André Filipe Magalhães Brogueira de Teixeira e Afra, venho por este meio solicitar a colaboração da V. prestigiada instituição, no sentido de realizar recolha de dados para fins de uma investigação relativa à tese de mestrado com o tema: “Prática desportiva e resultados académicos em alunos UAARE e de Desporto Escolar: Implicação para uma Liderança e Gestão Escolares”, do Instituto Politécnico de Leiria – ESECS, sob orientação do Professor Doutor Rui Manuel Neto e Matos.

Para tal necessitarei de sua autorização para recolha e utilização dos dados facultados pela plataforma escolar INOVAR, listagem dos participantes no Desporto Escolar e alunos UAARE, no ano letivo XXXX/XX.

Mais informo que de acordo com a legislação em vigor, em momento algum os envolvidos serão identificados, acrescentando ainda sob compromisso de honra que o funcionamento da instituição não será posto em causa e caso seja do interesse da instituição, assumo desde já o compromisso de devolver os resultados obtidos.

Com os meus melhores cumprimentos,

André Filipe Afra

Anexo 2

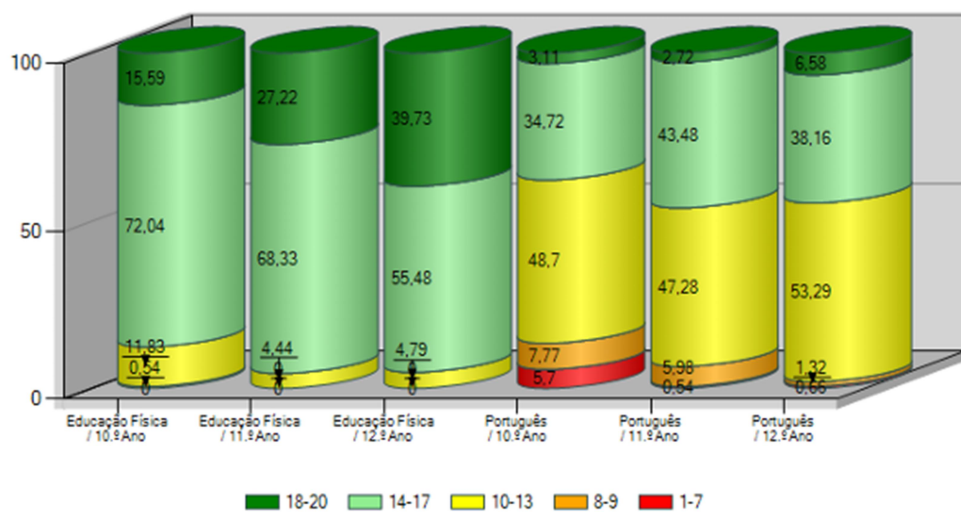
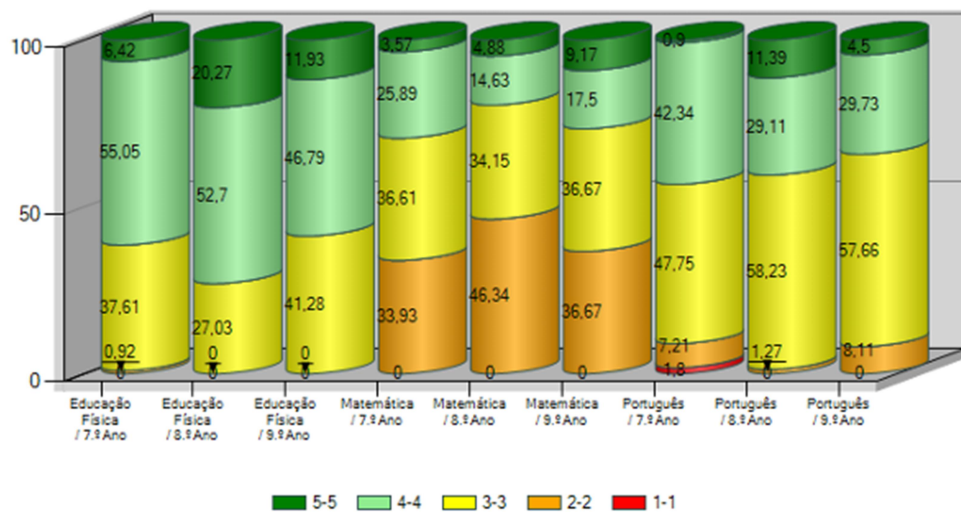
Exemplo de Relatório EB135d - Inovar - Disciplinas analisadas: Educação Física, Matemática, Português

2022/2023		3º P		RELATÓRIO DE FINAL DE PERÍODO									
ANO	CLASSIFICAÇÕES						AULAS		FALTAS				
	1	2	3	4	5	Média	P	D	D ^(A)	% ^(B)			
Educação Física / 7.º Ano	--	1	41	60	7	3,67	422	401	271	0,60			
Educação Física / 8.º Ano	--	--	20	39	15	3,93	385	370	191	0,62			
Educação Física / 9.º Ano	--	--	45	51	13	3,71	467	442	350	0,66			
Matemática / 7.º Ano	--	38	41	29	4	2,99	565	531	680	1,14			
Matemática / 8.º Ano	--	38	28	12	4	2,78	506	476	469	1,19			
Matemática / 9.º Ano	--	44	44	21	11	2,99	785	764	1.051	1,15			
Português / 7.º Ano	2	8	53	47	1	3,33	560	540	583	0,96			
Português / 8.º Ano	--	1	46	23	9	3,51	514	485	509	1,26			
Português / 9.º Ano	--	9	64	33	5	3,31	790	772	898	0,97			
Total		2	139	382	315	69							
Porcentagem		0,22	15,33	42,12	34,73	7,61							

ANO	CLASSIFICAÇÕES						AULAS		FALTAS	
	1 - 7	8 - 9	10 - 13	14 - 17	18 - 20	Média	P	D	D ^(A)	% ^(B)
Educação Física / 10.º Ano	--	1	22	134	29	15,55	771	706	357	0,25
Educação Física / 11.º Ano	--	--	8	123	49	16,68	754	730	490	0,35
Educação Física / 12.º Ano	--	--	7	81	58	16,77	658	631	495	0,48
Português / 10.º Ano	11	15	94	67	6	12,47	1.028	970	622	0,31
Português / 11.º Ano	1	11	87	80	5	13,27	1.007	931	638	0,35
Português / 12.º Ano	1	2	81	58	10	13,33	1.097	1.038	1.211	0,71
Total		13	29	299	543	157				
Porcentagem		1,25	2,79	28,72	52,16	15,08				

	INSUCESSO (1 - 2)				QUALIDADE DO SUCESSO (4 - 5)			
	Alunos	%	M	F	Alunos	%	M	F
Educação Física / 7.º Ano	1	0,92	0	1	67	61,47	42	25
Educação Física / 8.º Ano	0	0,00	0	0	54	72,97	34	20
Educação Física / 9.º Ano	0	0,00	0	0	64	58,72	39	25
Matemática / 7.º Ano	38	33,93	15	23	33	29,46	21	12
Matemática / 8.º Ano	38	46,34	21	17	16	19,51	6	10
Matemática / 9.º Ano	44	36,67	26	18	32	26,67	12	20
Português / 7.º Ano	10	9,01	7	3	48	43,24	26	22
Português / 8.º Ano	1	1,27	0	1	32	40,51	11	21
Português / 9.º Ano	9	8,11	6	3	38	34,23	14	24

	INSUCESSO (1 - 9)				QUALIDADE DO SUCESSO (14 - 20)			
	Alunos	%	M	F	Alunos	%	M	F
Educação Física / 10.º Ano	1	0,54	0	1	163	87,63	81	82
Educação Física / 11.º Ano	0	0,00	0	0	172	95,56	78	94
Educação Física / 12.º Ano	0	0,00	0	0	139	95,21	60	79
Português / 10.º Ano	26	13,47	21	5	73	37,82	16	57
Português / 11.º Ano	12	6,52	4	8	85	46,20	32	53
Português / 12.º Ano	3	1,97	2	1	68	44,74	16	52



Anexo 3

Exemplo de relatório EB135-C (9º Ano – Inovar)

QUADRO 1 - Distribuição de avaliações por disciplina (apenas notas quantitativas)

DISCIPLINAS	CLASSIFICAÇÕES						AULAS		FALTAS	
	1	2	3	4	5	Média	P	D	D ^(a)	% ^(b)
Português	2	8	53	47	1	3,33	560	540	583	0,96
Inglês	1	6	49	37	19	3,60	281	218	223	0,91
Francês	--	4	18	29	15	3,83	232	227	325	1,28
Espanhol	--	--	13	19	14	4,02	198	184	179	0,87
História	1	11	47	26	27	3,60	432	359	341	0,85
Geografia	--	5	56	39	12	3,52	283	259	189	0,65
Cidadania e Desenvolvimento	--	--	36	48	27	3,92	77	70	38	0,48
Matemática	--	38	41	29	4	2,99	565	531	680	1,14
Ciências Naturais	--	7	64	38	3	3,33	433	415	496	1,07
Físico-Química	--	22	48	37	5	3,22	427	409	459	1,00
Educação Visual	--	3	39	46	21	3,78	276	233	163	0,62
Tecnologias de Informação e Comunicação	--	1	29	47	32	4,01	79	76	90	1,06

RELATÓRIO DE FINAL DE PERÍODO

7.º Ano 3º P

QUADRO 2 - Análise do insucesso/ Qualidade do sucesso por disciplina (apenas notas quantitativas)

DISCIPLINAS	INSUCESSO (1 - 2)		QUALIDADE DO SUCESSO (4 - 5)	
	Alunos	%	Alunos	%
Português	10	9,01	48	43,24
Inglês	7	6,25	56	50,00
Francês	4	6,06	44	66,67
Espanhol	0	0,00	33	71,74
História	12	10,71	53	47,32
Geografia	5	4,46	51	45,54
Cidadania e Desenvolvimento	0	0,00	75	67,57
Matemática	38	33,93	33	29,46
Ciências Naturais	7	6,25	41	36,61
Físico-Química	22	19,64	42	37,50
Educação Visual	3	2,75	67	61,47
Tecnologias de Informação e Comunicação	1	0,92	79	72,48
Educação Física	1	0,92	67	61,47
Educação Moral e Religiosa	0	0,00	18	78,26
Música	0	0,00	3	100,00
Práticas Complementares de Dança	0	0,00	3	100,00
Preparação Física / Carater	0	0,00	3	100,00
Técnicas de Dança	0	0,00	3	100,00
Apoio Tutorial Específico	0	0,00	0	0,00
Português Língua Não Materna	0	0,00	0	0,00
Artes Criativas	1	0,92	68	62,39

Anexo 4

Exemplo de relatório EB135-b (10.º Ano – Inovar)

RELATÓRIO ANO DE ESCOLARIDADE DE FINAL DE PERÍODO

2022/23

10.º Ano

3º P

QUADRO 4 - Qualidade de sucesso por disciplina/turma (%) (apenas notas quantitativas)

	10A	10B	10C	10D	10E	10F	10G	10H						Global
Português	20,83	33,33	9,52	50,00	28,00	53,85	44,44	59,09						37,82
Português Língua Não Materna			71,43											71,43
Inglês	60,00	70,83	57,14	70,83	58,33	61,54	54,17	36,36						58,88
Filosofia	50,00	58,33	18,52	45,83	50,00	46,15	21,74	18,18						38,66
História da Cultura e das Artes			100,00		100,00			40,91						58,06
Música			100,00		100,00									100,00
Educação Física	83,33	95,65	95,45	100,00	95,00	82,14	84,00	65,00						87,63
História A						40,74	20,00							30,77
Matemática A	48,00	43,48	13,64	37,50	37,50									36,44
Desenho A								54,55						54,55
Geografia A					71,43	37,04	16,00							39,73
Economia A				83,33	59,09									67,65
Geometria Descritiva A			54,55					13,64						34,09
Física e Química A	16,00	29,17	27,27	75,00										31,33
Biologia e Geologia	16,00	33,33		83,33										36,07
História B				91,67										91,67
Técnicas de Dança Clássica			100,00		100,00									100,00
Técnicas de Dança Contemporânea			100,00		100,00									100,00
Preparação Física / Carater			100,00		100,00									100,00
Metodologia do Ensino da Dança			100,00		100,00									100,00
Espanhol						83,33	66,67							71,79
Educação Moral e Religiosa		100,00	66,67	100,00		50,00	100,00							80,00
Matemática Aplicada às Ciências :						38,89								38,89
Global	41,86	52,94	51,43	67,46	60,11	54,12	45,25	40,79						

Anexo 5

Exemplo de relatório EB135-a 7.º Ano - Inovar

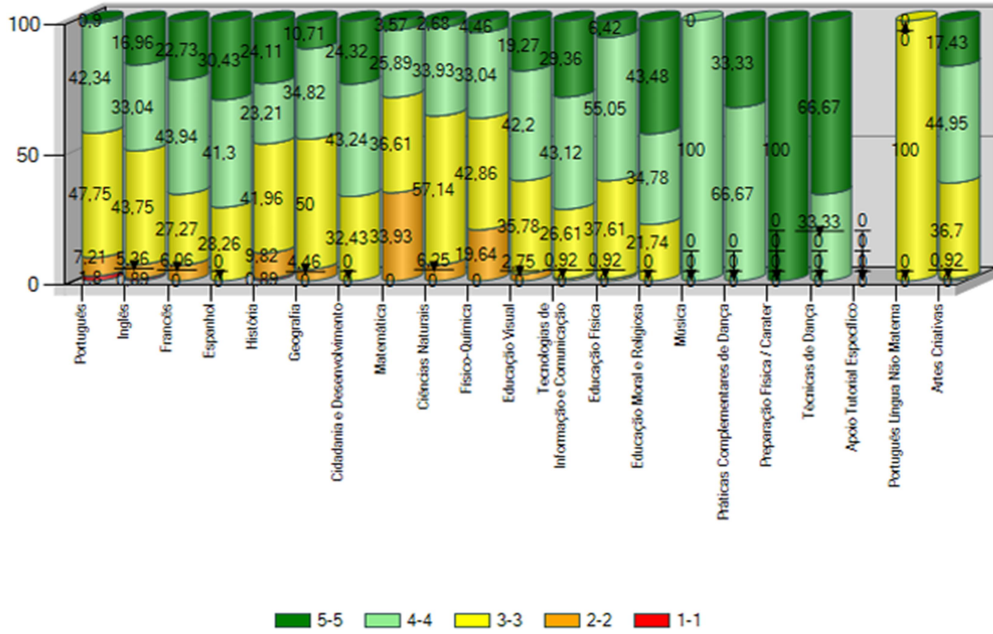
QUADRO 1 - Distribuição de avaliações por disciplina (apenas notas quantitativas)

DISCIPLINAS	CLASSIFICAÇÕES						AULAS		FALTAS	
	1	2	3	4	5	Média	P	D	D ^(A)	% ^(B)
Português	--	1	12	12	--	3,44	125	122	134	4,22
Inglês	--	1	12	5	8	3,77	65	42	32	2,93
Espanhol	--	--	7	12	7	4,00	97	89	114	4,93
História	--	4	9	6	7	3,62	99	83	69	3,20
Geografia	--	--	10	9	7	3,88	63	57	37	2,50
Cidadania e Desenvolvimento	--	--	4	11	10	4,24	16	13	2	0,59
Matemática	--	9	10	7	--	2,92	132	120	180	5,77
Ciências Naturais	--	1	14	11	--	3,38	99	93	131	5,42
Físico-Química	--	5	9	10	2	3,35	97	93	116	4,80
Educação Visual	--	--	13	10	--	3,43	62	46	45	3,76
Tecnologias de Informação e Comunicação	--	1	3	5	14	4,39	16	13	24	7,10
Educação Física	--	--	8	14	1	3,70	94	87	97	4,29
Música	--	--	--	3	--	4,00	62	62	0	0,00
Práticas Complementares de Dança	--	--	--	2	1	4,33	68	68	0	0,00
Preparação Física / Carater	--	--	--	--	3	5,00	63	63	0	0,00
Técnicas de Dança	--	--	--	1	2	4,67	392	392	0	0,00
Português Língua Não Materna	--	--	1	--	--	3,00	127	122	4	0,13
Artes Criativas	--	--	9	8	6	3,87	31	27	29	4,13
Total	0	22	121	126	68					
Percentagem	0,00	6,53	35,91	37,39	20,18					

QUADRO 2 - Análise do insucesso/ Qualidade do sucesso por disciplina (apenas notas quantitativas)

	INSUCESSO (1 - 2)		QUALIDADE DO SUCESSO (4 - 5)	
	Alunos	%	Alunos	%
Português	1	4,00	12	48,00
Inglês	1	3,85	13	50,00
Espanhol	0	0,00	19	73,08
História	4	15,38	13	50,00
Geografia	0	0,00	16	61,54
Cidadania e Desenvolvimento	0	0,00	21	84,00
Matemática	9	34,62	7	26,92
Ciências Naturais	1	3,85	11	42,31
Físico-Química	5	19,23	12	46,15
Educação Visual	0	0,00	10	43,48
Tecnologias de Informação e Comuni	1	4,35	19	82,61
Educação Física	0	0,00	15	65,22
Música	0	0,00	3	100,00
Práticas Complementares de Dança	0	0,00	3	100,00
Preparação Física / Carater	0	0,00	3	100,00
Técnicas de Dança	0	0,00	3	100,00
Português Língua Não Materna	0	0,00	0	0,00
Artes Criativas	0	0,00	14	60,87

QUADRO 3 - Gráfico de avaliação do ano de escolaridade (apenas notas quantitativas)



	PORT	ING	ESP	HIST	GEO	C.D.	MATEM	C-NAT	FQ	ED-VI	TIC	E.FIS	M	PCD	PF	TD	P.L.N.M.	MÉDIA	NEGATIVAS
A	3	3	3	3	3	4	3	3	3	3	5	4	-	-	-	-	-	3,31	
B	4	5	5	4	5	5	4	4	4	4	5	4	-	-	-	-	-	4,46	
C	4	4	4	5	5	4	4	4	4	-	-	-	4	-	-	4	-	4,31	2
D	3	3	4	3	4	4	2	3	2	3	4	4	-	-	-	-	-	3,31	3
E	3	3	4	2	3	3	2	3	2	3	3	3	-	-	-	-	-	2,85	3
F	3	3	3	2	3	5	2	3	2	3	4	3	-	-	-	-	-	3,08	3
G	3	3	4	4	4	5	2	3	3	3	4	4	-	-	-	-	-	3,46	1
H	3	3	3	4	4	4	3	3	3	3	3	4	-	-	-	-	-	3,31	
I	2	2	3	2	3	3	2	2	2	3	2	3	-	-	-	-	-	2,54	7
J	3	3	3	3	3	-	2	3	2	4	5	4	-	-	-	-	-	3,25	2
K	4	5	5	5	5	5	3	4	4	-	-	-	4	4	5	5	-	4,46	
L	3	5	5	3	3	3	2	3	3	3	5	3	-	-	-	-	-	3,38	1
M	3	5	4	4	3	4	3	3	3	4	3	3	-	-	-	-	-	3,54	
N	4	4	5	5	5	5	4	4	4	4	5	4	-	-	-	-	-	4,46	
O	4	4	4	4	5	5	4	4	4	4	5	4	-	-	-	-	-	4,31	
P	4	5	5	4	4	5	3	4	4	-	-	-	4	4	5	5	-	4,31	
Q	4	5	4	5	4	5	4	4	4	4	5	3	-	-	-	-	-	4,15	
R	3	3	3	3	3	4	2	3	3	3	4	4	-	-	-	-	-	3,23	1
S	4	3	4	3	3	3	3	3	3	4	5	3	-	-	-	-	-	3,46	
T	4	4	5	5	5	4	4	5	4	5	4	5	-	-	-	-	-	4,62	
U	4	5	4	3	4	4	3	4	4	4	5	4	-	-	-	-	-	4,08	
V	4	3	4	3	4	4	3	4	4	3	5	4	-	-	-	-	-	3,69	
W	-	5	4	3	4	4	3	3	3	3	5	3	-	-	-	-	3	3,62	
X	3	3	3	2	3	4	2	3	3	3	4	4	-	-	-	-	-	3,08	2
Y	3	3	4	5	4	4	3	3	4	3	5	4	-	-	-	-	-	3,69	
Z	4	4	5	5	5	5	4	4	5	4	5	4	-	-	-	-	-	4,54	

Nº alunos - 26 (12M - 14F)

Média Turma	3,44	3,77	4,00	3,62	3,88	4,24	2,92	3,38	3,35	3,43	4,39	3,70	4,00	4,33	5,00	4,67	3,00	3,71	
Média Ano	3,33	3,60	4,02	3,60	3,52	3,92	2,99	3,33	3,22	3,78	4,01	3,67	4,00	4,33	5,00	4,67	3,00	3,60	

Anexo 5

Levantamento listagem alunos UAARE (avaliações)

Turma	Nº	Nº Proc.	Nome	media ano	port	mat	port turma	mat turma	media total turma	media ano escola
				4,77	5	5	3,64	3,19	3,82	3,59
				4,92	5	4	3,64	3,19	3,82	3,59
				4,77	5	4	3,64	3,19	3,82	3,59
				4,77	5	4	3,64	3,19	3,82	3,59
				4,62	5	4	3,64	3,19	3,82	3,59
				4,54	4	3	3,64	3,19	3,82	3,59
							3,64	3,19	3,82	3,59
				4,33	4	3	3,89	3,46	4,04	3,57
				5	5	5	3,89	3,46	4,04	3,57
				4	3	4,1	3,89	3,46	4,04	3,57
				media ano	port	mat	port turma	mat turma	media total turma	media ano
				15,89	10	16	11,4	11,29	13,58	13,17
				17,6	17	18	11,4	11,29	13,58	13,17
				16,6	14	11	11,4	11,29	13,58	13,17
				15,75	13	16	14,14	15,67	13,2	13,17
				14,67	17	15	14,14	15,67	13,2	13,17
				14,57	14	13	13,42	12,46	14,19	13,17
				16,57	16	17	13,42	12,46	14,19	13,17
				14,38	14	13	14	14,81	14,91	14,69
				14,9	12	16	12,27	16	15,29	14,69
				16,7	17	17	12,27	16	15,29	14,69
				16,7	18	17	12,27	16	15,29	14,69
				16,7	18	16	12,27	16	15,29	14,69
				17,5	17	16	12,96	13,25	14,93	14,69
				15,9	10	18	12,96	18	14,93	14,69
				16,18	13	18	12,96	18	14,93	14,69
				15,91	10	18	12,96	18	14,93	14,69
				14,4	12	11	12,95	13,81	15,65	15,8
				18,44	17	18	17	18,43	17,28	15,8
				18,67	17	19	17	18,43	17,28	15,8
				18,44	12	19	12,95	18,43	17,28	15,8
										15,8
				18,33	13	19	12,95	18,43	17,28	15,8
				18,22	17	18	17	18,43	17,28	15,8
				14,6	11	10	12,95	13,64	17,28	15,8
				17,78	17	18	17	18,43	17,28	15,8
				18,89	18	19	17	18,43	17,28	15,8
				18	11	19	12,95	18,43	17,28	15,8
				19,22	18	20	17	18,43	17,28	15,8

